



EX LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

ACSE

W.











POESIAS

DE

AMERICO ELYSIO









JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

Patriarca da Independência do Brasil

*N. a 13 de Junho 1763. F. a 6 de Abril 1838*



# POESIAS

DE

## AMERICO ELYSIO

(JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA)



- Se não me é dado remontar seguro  
Ao alicear sublime da memoria,  
Ao niênos não submerge o esquecimento  
O meu nome de todo; e venturoso,  
Pelás gentis Camenas basejado,  
Sobre as ondas do tempo irá boiando.



RIO DE JANEIRO

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

1861



## DEDICATORIA

---

**U**MEITOR brasileiro. — Costumavão os Gregos e Romanos do bom tempo velho dedicar suas obras a seus naturaes e amigos, porque a adulação e o interesse não aviltavão então as letras e as sciencias.

Os grandes e os mimosos da fortuna, a cujas abas se acoitão hoje os peralvilhos litterarios, se não tinhão verdadeiro merito, nem recebião, nem pagavão louvores mentirosos. Mas se no meio da vileza e

corrupção moderna não pôde o escriptor honrado obstar que escravos lisongeiros não enxovalhem com ineptias e baixezas a razão e as boas artes, pelo menos deve alçar a voz em seus escriptos para atacar o crime e ridiculisar o vicio, para instruir e ennobrecer a humanidade; e, quando o inspira Apollo, deve então com a musa amimar a virtude, e deleitar o coração. Que eu seja teu amigo, algumas provas já tenho disto dado; e para t'as continuar a dar no meu desterro, onde as circumstancias me não permitem mais por ora, ousou offerecer-te estes poucos e desvairados versos, *Farpados restos do traquete roto*, que me ficarão de incendios e roubos successivos que de todos os outros derão cabo. Fui nelles assaz parco em *rimas*, porque a nossa bella lingua, bem como a ingleza, hespanhola e

italiana, não precisa, absolutamente fallando, do *zum-zum* dos consoantes para fixar a attenção e deleitar o ouvido; basta-lhe o metro e rhytmo: e quanto á monotonica regularidade das estancias, que seguem á risca Francezes e Italianos, della ás vezes me apartei de proposito, usando da mesma soltura e liberdade, que vi novamente praticadas por um *Scott* e um *Byron*, cysnes da Inglaterra. Devo prevenir-te tambem, para descargo de minha consciencia, que se de antemão não tiveres saboreado as poesias que constituem a parte *esthetica* da antiga collecção hebraica, a que damos hoje o nome de Antigo Testamento; ou folheado as composições gregas e latinas que nos restão, ou pelo menos os cantos da soberba Albion e da Germania culta, certo não acharás o menor sabor e pico nos que ora te offereço.

VIII

Quem folgar de *Marinismos e Gongorismos*,  
ou de *Pedrinhas no fundo do ribeiro*, dos  
versistas nacionaes de freiras e casquilhos,  
fuja desta minguada rapsodia, como de febre  
amarella. Deos te ajude.

AMERICÓ ELYSIO.

Bordéos, 27 de Fevereiro de 1825.





# POESIAS

## ODE À POESIA

EM 1785

**N**ÃO os que enchendo vão pomposos nomes  
Da adulação a boca ;  
Nem canto tigres , nem ensino a fêras  
As garras afiar , e o agudo dente :  
Minha musa orgulhosa  
Nunca aprendeu a envernizar horrores.

Genio da inculta patria , se me inspiras  
Acceso estro divino ,  
Os porfidos luzentes não m'o roubão ,  
Nem ferrugentas malhas , que deixarão  
Velhos avós cruentos :  
Canto a virtude quando as cordas firo.

Graças ás nove irmãs ! meus livres cantos  
São filhos meus e seus !  
A lauta mesa de baixella d'oiro,  
Onde fumegão sículos manjares,  
Do vulgo vil negaça,  
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina poesia, os alvos dias,  
Em que pura reinavas,  
Já fugirão de nós. — Opacas nuvens  
De fumo os horizontes abafando,  
A luz serena offuscão,  
Que sobre o velho mundo derramáras.

A sêde d'oiro, e á vil cobiça dados  
Os filhos teus (ingratos!)  
Nas niveas roupas tuas aljofradas  
Mil negras nodoas sem remorso imprimem.  
Mascarada lisonja,  
Fome, baixeza os venaes hymnos dictão.

Então que densos bosques e cavernas  
Os homens acoitavão,

Pela musica e dansa acompanhada  
Benefica poesia a voz alçando,  
Do seio da mãe terra  
Nascentes muros levantar fazia.

Então pulsando o vate as cordas d'oiro,  
A populosa Thebas  
Altiva a frente ergueu, ao som da lyra;  
E os horridos costumes abrandando  
A sentir novos gozos  
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orphêo, se a doce voz soltava,  
Os Euros suspendidos,  
O rio quedo, as rochas attrahia:  
E os raivosos leões e os ursos féros  
Manso e manso chegavão  
A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem que então paixões pintava  
Com uivos e com roncós,  
Pelas gentis Camenas amestrado  
Os ouvidos deleita, a lingua enrica,

E com sonoro metro  
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira  
Da paphia deusa inveja  
Os olhos côr do céu, vermelha a face,  
O peito faz sentir que não sentia :  
Assim musas divinas,  
Corações bronzeados ameigavão.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros  
Reinárão as Camenas.  
De pó, de sangue, de ignominia cheios  
Mostra os vencidos Ossian á patria ;  
E a fronte coroando,  
Canta os triumphos, canta a propria gloria.

Qual das aves a magica harmonia,  
Que a primavera canta,  
Assim teus feitos, grandes e sublimes,  
No dia da victoria, herculeo Fingal,  
Teus bardos celebravão,  
E a testa sobrançada desfranzias.

Soberbos templos leve, teve altares  
Na Grecia a poesia.  
Genios brilhantes ! seus antigos vates  
Os sociaveis nós, uteis e doces,  
Humanos apertarão :  
Simples, e poucas, sabias leis fizeram.

A fronte levantar não se atrevia  
O fanatismo ferreo,  
Co'a gottejante espada dos altares  
Arrancada, vermelho sangue quente,  
Que lagos mil formára,  
Dos proprios filhos não vertia a terra.

Nem absurda calumnia perseguia  
A razão e a virtude...  
Se a terra via, via heroicos crimes.  
Tu, monstro horrendo, horrendo despotismo,  
Ah ! sobre ti cairão  
Accesos raios, que na mão trazias !

Maldição sobre ti, monstro execrando,  
Que a humanidade aviltas !

Possão em novos mares novas terras ,  
Por britannicas gentes povoadas ,  
    Quebrados os prestígios ,  
Os filhos acoitar da liberdade !

Então a fome de oiro , mãe de crimes ,  
    Negra filha do inferno !  
Não tinha o braço matador armado  
Do tyranno Europeo. — A Africa adusta  
    E a doce patria minha  
Seus versos innocentes entoavão.

Vós lhes dictaveis , heliconias deusas ,  
    Ternos versos chorosos  
Do doce amigo morto á sombra ausente !  
Outras vezes as vozes levantando ,  
    A gloria dos heróes  
Em choréas energicas cantavam.

Então nascendo aliloqua epopéa  
    Celebra os semideuses :  
Tal da Grecia recente em alvos dias ,  
A trombeta embocando sonora ,


Fez ver a luz Homero,  
Que depois imitaste, Augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,  
Nem marmores de Paros  
Vencem as iras de Saturno idoso:  
Arrasão-se pyramides soberbas,  
Subterrão-se obeliscos,  
Resta uma Iliada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rãa nos charcos, não pretendão  
De mim vendidos cantos.  
Se a cythara divina me emprestarem  
As filhas da memoria, altivo e ledó,  
A virtude cantando,  
Entre os vates também terei assento.



## ODE

 **V**EM, minha Eulina, vem : corramos presto  
As colmadas choupanas, que convidão  
Com retirado asylo.  
Ali te esquecerão da futil côrte  
Os bulhosos prazeres que esvoação  
Os pavidos amores :  
Ali, sôlta a ternura e os meigos beijos,  
No seio da singela natureza  
Quantas terás delicias?  
Que pôde embellezar-te a vã Lisboa?  
Defina a mocidade, se acanhados  
Os nascentes affectos.  
Então a comitiva dos pezares  
Virá despir teus dias de alegria,  
Dias longos, sem gosto !  
Nutre-se amor com mil prazeres livres,  
Com livres expressões de peitos ternos  
Que lhe alentão os vôos.



Mas onde acharás tu lugar mais proprio  
Que o campo escuso, habitação tranquilla

Da amiga liberdade?

Ali sómente o coração ensina  
Dos olhos a linguagem maviosa,

Os puros sentimentos!

Nada ha que prenda fervidos desejos:

Nada se oppõe ao simples pegureiro,

Que o peito seu descobre.

Ouvindo-lhe caricias a pastora,

Entre séria e risonha lhe responde!

Co'a face nacarada.

Amar entre pastores não é crime:

Todos sentem os mesmos movimentos

Que sentimos, Eulina!

Nem precisão de juras nossos peitos;

Presos estão em doces nós eternos,

Que o tempo não desata.

Orgulhosa ambição, suja cobiça;

Não envenenão assisados dias

Do camponez ditoso:

Goza de amores francos e singelos

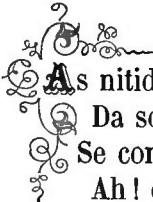
Pastos ao gado hervosos, gradas ceifas

Afortunãõ seus dias.  
Nãõ soffre a sanha de insolente grande ;  
Nem vãõ ricaço lhe deslumbra os olhos  
Co'a cruz regateada :  
Se nãõ habita paços magestosos ,  
Onde marmoreos alizares brilhãõ ,  
Co'a natureza mora.  
Ah ! basta-nos sõmente que a choupana  
Nos acoite das chuvas invernosas ,  
Das calmas queimadoras !  
Quando as musicas aves alvorada  
Derem á rubra destralçada aurora ,  
Te espartarei com beijos.  
Iremos conduzir as ovelhinhas ,  
Dos amigos rafeiros vigiadas ,  
As humidas hervagens.  
Das quentes sestas o calor nãõ temas :  
Escolhida por mim, mimosa relva  
Convidará teu somno.  
A sombra dos copados arvoredos  
Nosso amor gozaremos, abrigados  
Dos olhos invejosos !  
Nãõ trajada de purpura ou de seda ,

Mas de singela natural belleza,  
Dominarás meu peito.  
Milhões de beijos cobrirão teu seio;  
Em vão conta-los ousará cioso  
O zoilo malfazejo!  
Assim, Eulina, correrão teus dias:  
Assim nos colherá velhice tarda  
Entre amores constantes.  
Sim, minha Eulina, vem: corramos presto  
Às colmadas choupanas, que convidão  
Com retirado asylo.



## ODE


**A**s nitidas maminhas vacillantes  
 Da sobrehumana Eulina,  
 Se com fervidas mãos ousado toco,  
 Ah! que me imprimem subito  
 Electrico tremor . que o corpo inteiro  
 Em convulsões me abala!  
 O sangue ferve: em catadupas cahe-me...  
 Brotão-me lume as faces...  
 Raios vibrão os olhos inquietos...  
 Os ouvidos me zunem!  
 Fugir me quer o coração do peito...  
 Morro de todo , amada!  
 Fraqueja o corpo! balbucia a falla!  
 Deleites mil me acabão!  
 Mas ah! que impulso novo , ó minha Eulina!  
 Resistir-lhe não posso...  
 Deixa com beijos abrasar teu peito:  
 Une-te a mim... morramos.




## ODE

## À AMIZADE.

Amitié, don du ciel, soutien des grandes âmes!

VOLTAIRE.

 **D**E novo, ó musa, as azas empennemos;  
Firão-se as aureas cordas  
Da lyra abandonada;  
Os frescos valles do sagrado Pindo  
Mais esta vez trilhemos.

Novo Alcides a clava sopesando,  
As hydras, as chimeras  
Caião aos pés exangues;  
A soberba enrugada, a vil mentira,  
E tu, lisonjá astuta!

Musa, filha do céu ! que esp'rito acceso  
Me allumia a mente ?  
Não é furor fingido. —  
Nem são inspirações da velha Delphos,  
É da amizade o estro !

Já desce lá do empyreo a sãa verdade :  
Fujão, profanos, fujão !  
Aquelles que sentirão  
Uma vez da amizade os meigos laços,  
Venhão ouvir meu canto.

Não em doirados tectos levantados  
De marmoreo palacio,  
Ou em doricas arcadas,  
Que sustentão as salas magestosas,  
Mora a virtude santa.

O' doce paz, sagrada liberdade,  
Unicos bens do sabio !  
Os idolos da terra  
Não vos conhecem. — Vós dormis tranquillias  
No seio da amizade.

Emquanto na esquentada fantasia  
    Creando ôcos fantasmas,  
    Freneticos humanos  
Suspirão por privanças e chimeras,  
    Que os sustos envenenão ;

Nos campos innocentes, onde brinca  
    Zephyro prazenteiro,  
    O sabio solitario  
Ri desses doidos, ri do velho mundo  
    Com o discreto amigo.

Se sisuda tristeza lhe bafeja  
    Com halito empestado,  
    Beijando a cara amada,  
Em quem morão Cupidos cento e cento,  
    Inveja faz aos deuses.

E lá quando do negro throno estende  
    O plumbeo sceptro a noite  
    Sobre o cansado globo,  
Sentado co'o amigo á parca mesa  
    Conversa ledamente.

Umás vezes sondando altos mysterios  
Vedados á vil turba,  
Deixando o peso inerte,  
Náda no espaço immenso, os globos pesa,  
Milhões de sóes encara !

Outras vezes baixando á humilde terra  
Contempla a natureza :  
As doiradas espigas,  
Que os prados vestem de formosas ceifas,  
Observa, e se enternece.

Tu, Leibnitz immortal, tu, grande Newton,  
A razão lhe vigoras !  
E incredulo admira  
Os vastos turbilhões, partos sublimes  
Do creador Descartes.

Locke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire,  
Virgilio, Pope, Homero,  
Camões, o padre Horacio,  
Repartem os seus dias venturosos  
Co'a candida amizade.



Assim , meu bom Filinto , caro amigo ,  
Com teu amigo Elysio  
Possas viver teus dias !  
E deixa que casquilhos repimpados  
Namorem senhoritas.



ODE

(Imitada do inglez)

Á MORTE DE UM POETA BUCOLICO

AMIGO DO AUTOR

(A scena é sobre o Rio da Bertioega em Santos, no Brasil)



ALI repousa o divinal poeta  
No tumulo ! ali d'onde mansamente  
A descansada vaga temerosa  
Se arreda com respeito.  
Vós, singelas bellezas da natura,  
Ah ! vinde, levantai-vos,  
E ornai do vosso vate a sepultura.

Ali naquelle fundo verde leito  
De juncos murmurantes enterrada  
A fruta está que annosos troncos duros  
Attrahia ligeiros.

Ah ! quem tiver o coração afflicto ,  
Em tristeza ensopado ,  
Visite uma e mais vezes seu sepulcro !

Aqui tenros mancebos e donzellas  
Mil lagrimas darão ás cinzas frias ;  
E emquanto seus sons tristes o contorno  
Encherem de amargura ,  
A compaixão c'os olhos desvelados  
Crerá que inda lhe escuta  
Suas meigas palavras derradeiras.

Melancolica saudade quantas vezes  
Lá pela margem vagará pensando ,  
Emquanto a fronte adorna o patrio rio  
De vernaes grinaldas !  
E quantas vezes golpeante remo ,  
Nos ares suspendido ,  
Tranquillos deixará seus gentis manes !

Quando o prazer e a festival saude,  
Fugindo das cidades, se retirão  
Aos prados geniaes, onde lascivos  
Os zephyrinhos folgão,  
Triste amigo a cabana descobrindo  
Entre a varia paisagem,  
A face regará com pranto justo.

Mas tu, vate gentil, que friamente  
O campesino humido leito habitas,  
De que te hão de servir lugubres cantos  
Que a afflicção entôa?  
De que te hão de servir lagrimas tristes  
Que amorosa saudade  
Chora debaixo da ligeira vela?

E inda haverá mortal desassisado,  
Que sem temor os olhos seus demore  
Sobre o pallido tumulo sagrado,  
Que lá reluz ao longe?  
A vista delle, doce vate, morre  
Toda a alegria minha,  
Morre o prazer da amena primavera...

E tu, paterno rio desprezado,  
Cujas margens tristonhas desamparão  
Os verdejantes tortuosos mangues,  
    Que tristes vão seccando,  
Ah! da vista me tira aquelle outeiro,  
    Cujas humidas fraldas  
O sepultado caro vate encerrão...

Murchos já vejo os valles florescidos!  
Habitação de barbaras Napéas!...  
Que opaca noite escura vem cobrindo  
    Esta vista solemne!...  
Inda uma vez, amada sombra ausente  
    Da candida natura,  
Inda mais esta vez, adeus, filhinho!...



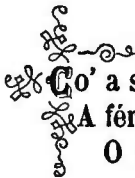
30

.ODE

No gosto oriental

1820

AO SENHOR DOM JOÃO VI

 Co' a santa paz, com teu benigno mando  
A fêra esfaimada, mansa ameiga  
O timido cordeiro.

O infante que apenas lava os beiços  
No leite maternal , teu doce nome  
Já repete risonho :

Faz chover tua mão celestes dons ,  
E vasa mil venturas , qual chuveiro  
Por Boreas sacudido .

E os vastos campos , que avizinha o Prata ,  
Ora de matto , e d'herva nil vestidos ,  
Serão jardins de Eden.

Mas se o colono ibero nos provoca ,  
Nossos ginetes beberão com gosto  
De sangue as aguas tintas.

Da reluzente espada, teus Paulistas ,  
Irão sobre os rebeldes sacudindo  
Apinhoadas mortes.


E Mavorte , que em sangue ensopa as fauces,  
Fará seus membros vis pasto de tigres ,  
De famintos corvos.



## O INVERNO

1788

(A scena é em Almada, defronte de Lisboa)


**O**RA que o feio sobrançado inverno  
 As grutas deixa do gelado norte ;  
 E em triste magestade  
 De medonhos tufões arrebanhado,  
 De grossas nuvens negras prenhes d'agua,  
 Assalta o Meio-dia ;  
 E faz dos prados inda florescentes  
 Os zephyros brincões fugir trementes :  
 Aqui sobre o penhasco, sobranceiro ,  
 No negrume da noite ,  
 Onde a vaga raivosa a furia quebra  
 Em nitida ardentia ,  
 Ah ! deixemos errar o pensamento



Entregue a si , sem tento !  
Triste de Elysio misero , cansado !  
Longe da cara , da gentil Eulina ,  
    Ou geie , ou chova , ou vente ,  
Absorto em seus pezares nada sente !  
    Do Tejo encapellado  
Nas pardas praias , onde as conchas luzem  
(Quaes lá sobre cabeços verdes brilhão  
As vivas côres do listrado Iris),  
    Ondas mil rouquejão.  
C'os beiços titubantes , enfiado ,  
Tinto da côr da morte o triste rosto ,  
Por entre o horror da noite , e as ondas féras,  
    O batel mal governa  
    O pavido barqueiro !  
Os ventos berrão , ferve o Tejo inteiro !  
Eu só , meu bem em ti sómente absorto  
Na lapa cavernosa reclinado ,  
    Não temo os elementos.  
Na memoria teu gesto repintando ,  
Debalde carrancudo inverno brame ,  
E mar , e ventos , e borrascas dura's :  
Debalde enlutada a natureza

Meu peito quer tingir de côres pretas ;  
Mas pôde em ti pensando ,  
Cara Eulina , deixar de derreter-se  
Em prazeres minha alma ,  
A quem teu nome só socega e calma ?  
Por entre as bastas nuvens que adelgaça  
O vento furioso ,  
Levanta-te , ó lua. — Sobre o Tejo  
Espalha os frouxos amarellos raios  
E deslizando as vagas ,  
Que ao nauta cobrem de suor e frio ,  
Mostra um pouco sereno o irado rio.  
Sim , vejamos ao menos se por entre  
Os bruscos ares que allumia a lua ,  
A habitação vislumbro !  
Ei-lo lá está da minha deusa o templo ,  
Se os olhos não se enganão !  
Mas ah ! que não escuto as fallas meigas  
Com que tigres amansa encarniçados ,  
Com que peitos amolga bronzeados !  
Talvez , meu bem , no leito deleixada  
Entregues a Morpheu ternas lembranças.  
Quem pudera de um tiro abalançar-se

A divinal alcova !  
Ali contemplaria arrebatado  
Mil thesouros da prodiga natura.  
O niveo lindo peito  
Veria palpar suavemente  
Que meigo sabe amar que meigo sente !  
Gentil Eulina ! sim , os lindos pomos ,  
Ricos cofres de amor e de ventura ,  
São mais brancos , que a espuma prateada  
Que o Tejo lança agora , quando os ventos  
Ferem as ondas contra a rocha dura ,  
Que seu furor atura.  
Mas ai de mim ! que faço ! a fantasia  
De onda em onda de ficticios gozos  
Erra mesquinha ! Basta já de sonhos !  
E na lapa musgosa reclinemos  
O fadigado corpo :  
Inda talvez que brilhe um alvo dia ,  
Dia cheio de amor , e de alegria !



## ODE

## AO PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL

No tempo da invasão dos Francezes

**B**ASGANDO o véo de trévas,  
Esparge aurora as matutinas rosas:  
Assim divina Urania, quando os deuses  
No Olympo diamantino em largo gyro  
Os extaticos cantos escutavão  
Que a lyra acompanhava,  
O mesmo padre Jove desfranzindo  
A fronte sobrançada,  
Os ouvidos fitava  
Banhado em riso; em jubilos nadava...  
A mim, não as corôas alcançadas  
Na pythica carreira  
Que Pindaro cantára,

Movem meu estro. — Só quando celebras  
Os heróes sobrehumanos,  
Que virtude e sciencias embalarão,  
A quem povos amarão,  
Então deitando mão da lyra d'oiro,  
Da lyra, que me déras,  
Qual de Cumas a horrisona caverna  
Retumba em torno c'ó furor divino;  
Assim, ó musa, de teu nome accesa  
Chammeja a mente, ferve todo o sangue...  
E ledos hymnos, filhos teus, voando  
Os ares vão cortando!

Ah! quem não sente estremecer-lhe o peito  
Ouvindo os cantos dos argivos cysnes,  
Odio das musas é. — Odio de Jove!  
Teu nome amado  
Alados hymnos levarão sem susto  
Ao templo da memoria  
João, do Brasil, gloria, esperança!  
E pois que Apollo, e tu, divina Urania,  
Prenhe de dons eternos,  
Puro regaço sobre mim vasastes,

Com mão segura de mil novos cantos  
 Rico feixe ajuntemos,  
 Com que lhe a frente heroica coroemos.

Mas que scena funerea  
 Ante meus olhos se abre!  
 Eis o Tejo tristonho, reclinado  
 O corpo sobre a urna,  
 Das Tagides cercado,  
 Assim o ar povôa de queixumes!  
 « Já fui Tejo! já fostes Lusitanos!  
 (E pára um pouco) O' dias!  
 « Dias de Henrique, manuelinos dias!  
 « Já fugirão da pátria!  
 « Os lenhos portuguezes  
 « Que cem mares arando não trilhados,  
 « Tres mundos arredados,  
 « Por cima de milhões de insanos medos  
 « Ousados conquistárão,  
 « E as quinas indomitas plantárão,  
 « Minhas margens não saudão.—  
 « Mil piraticas quilhas  
 « Do Gallo, do Bretão, do Escandinavo

« Aporfiadas roubão  
 « O oiro e o sangue da indolente Lysia!  
 « Meu nome augusto que infundia outr'ora  
   « Á terra toda espanto,  
 « Hoje apenas se ouve no universo. —  
   « Cumprirão-se os destinos:  
 « Foi victima de crimes Lusitania! »  
 Assim fallou. — E na torvada mente  
 Revolve um grão tropel de idéas cento;  
   As Tagides chorosas  
 Se arremessão ao deus, e tentão meigas  
   Amaciar-lhe a mágoa:  
   Mas a mágoa que sente  
 Vive no peito impressa eternamente.

Ah! sim! já fomos Lusos,  
 Prole somos de antigos semideuses!  
 Eis de arredadas terras busca a patria,  
 Rico de noções mil, rico de gloria,  
   Aventureiro Pedro!  
 Eis se electrisa a mente mais que humana  
   Do creador Henrique!  
 A um seu aceno só, ergue-se em pé

## Navegação altiva!

Na frente os murchos loiros reverdecem-lhe.

Nunes, brilhante de saber profundo,

A douta penna empunha,

E da rica astronomia as fontes abre.

Então abarca no pejado seio

A bella Lusitania, que remoça

Em ardimento e gloria,

Sabios estranhos e varões ousados,

Que transpondo do inerte patrio solo

O vastissimo deserto,

Encontrão nova patria, e asylo certo.

## Lusas soberbas Argos

Vão lustrar novos céos, e novos mundos.

Acama-se o oceano respeitoso

Ante estranhadas prôas;

E o douto astrolabio, que reúne

Os mundos, o universo inteiro abre.

De mil nações diversas

O mar dissociavel é o liame. —

Colombo, que Lysia ensina e nutre,

Vai embicar n'um mundo,



Que do Tartaro filhos, negros monstros  
De crimes assellarão.

Eis o Gama affrontando infindos p'rigos  
Ao berço se abalança  
Da aurora apavonada!

Domão os gelos da hudsonia costa  
Corte-Reaes ousados. —

Dos inclytos heróes se expande o peito;  
E rompendo as prisões da estreita patria,  
Vão respirar um novo ar immenso!  
Gravidão-lhes a mente destemida  
Novos climas e leis, novos costumes,  
Mil novas producções, mil novos entes.

Mas, ó céos! que transtorno!  
Louco mancebo! aos crús alfanges mouros  
Dar vais da gente miseranda o collo!  
Velho desassisado! ergues fogueiras

Contra a patria, que entregas  
Do ibero leão ás impias garras!

O' netos desgraçados,  
O' inclytos trabalhos mallogrados!  
Mas Jove ama a justiça e pune os crimes:  
Nem sempre o Céu é surdo

Dos miseros mortaes ao pranto e aos ais.

A patria, que gemêra agrilhoada

Pelas armas e ardis do Ibero infame

Doze lustros inteiros,

Já levanta a cabeça :

E beija a mão libertadora e santa

Do inclyto Bragança.

João-o-Quarto, José, Maria Augusta

A quem leão ibero não assusta,

Da Lusitania as lagrimas enxugão :

Achão nelles asylo

A razão, a virtude, as artes bellas.

Já sobre a Lusitania vai raiando

Brilhante luz, de novos bens presaga...

Mas, ó fado cruel, que scena horrivel!

Infame negro monstro,

Que o inferno creou, nutrio, cevou,

A bella Lysia esmaga;

E a luz, que já raiava, abafa, e apaga.

Qual turgida torrente,

Que precipite cahe da rocha ingreme,

Tudo subito alaga;

Assim das furias o esquadrao cerrado

Sobre Lysia cahio.  
 Em gomo mata as debeis esperanças  
 Gallicano granizo.  
 Eis fusco véo de nuvens atrás gravidas  
 A Lusitania envolve.  
 Liberdade, razão, virtude e honra,  
 Filhas do céu! ao carro maniatadas  
 Levão de rojo as furias foragidas;  
 As artes perseguidas  
 Pavidas fogem. — Nas campinas aridas  
 Não brincão prazenteiros  
 Co'a loira espiga os zephyros travessos:  
 Filhas do inferno impias  
 Abafarão de Lysia os novos dias.

Justos benignos deuses,  
 Deuses outr'ora aos Lusos favoraveis,  
 Basta de males, basta!  
 Ouví os rogos que do peito arranco!  
 Que subito portento!  
 Rasgando os ares que de amor se accendem,  
 De Jove omnipotente ao solio eterno  
 A paphia deusa vóa.

Qual depois de borrasca negra e horrenda,  
Branqueia os cumes destrançada aurora,

E a criação remoça:

Assim ao ver a bella Cytheréa

O Olympo exulta e goza.

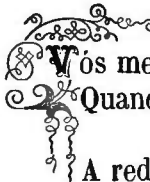
Eis chega a diva ao pai: Jove estremece,

E para a abraçar do solio desce.

*Cætera desiderantur.*



## CANTATA I

Vós me nutris os ternos pensamentos,  
Quando á sombra das arvores copadas,  
Sombrios valles frescos,  
A redea inteira sólto á fantasia!  
De belleza em belleza divagando  
Sofrega a mente se me vai nos olhos;  
Depois meiga saudade  
Manso e manso do peito se apodera...  
Tudo o que vejo então me pinta Eulina.

Eis aquella violeta, que gotteja  
Das folhas frio orvalho,  
Os olhinhos de Eulina maviosos  
Cheios de mil amores, mil feitiços,  
Me pinta lagrimosos,  
Quando ella dos meus brincos se agastava.  
Os recentes jasmims vivo debuxão  
Os dentinhos de Eulina, que sorria  
Aos humildes meus rogos.

Então as niveas faces delicadas  
Se com os beijos meus os seus tocava,  
Sorrindo pudibunda,  
Ah! que erão duas rosas orvalhadas!

E ha quem possa, ó minha Eulina, ver-te,  
Inda que seja um marmore,  
Sem palpar-lhe o coração no peito?  
Por mim o digão, cara,  
Se te vejo, as entranhas se me embebem  
De insolito alvoroço;  
O sangue ferve em borbotões nas veias!  
Sou todo lume, fico todo amores!  
E ainda se enfada a crua,  
Se lhe digo a verdade!  
Veja-se áquella fonte. Solte o riso,  
Que me rouba a mim mesmo,  
Verá sorrir com ella a natureza!  
Insofrido esquadrão de alados beijos,  
Em torno de teus beijos revoando,  
Delles, Eulina, vida estão tirando.  
Labios da minha Eulina,  
Labios, favos de mel, mas venenosos!

De vós depende dos mortaes a dita,  
 Se meigos vos abris... ah! nunca irosos!

Desentrançadas as madeixas de oiro,  
 Que ondeião sobre o collo crystallino,  
 Meneando com graça o corpo airoso,  
 Inda mais bella que as Napéas bellas,  
 Quando as arestas do ondejante trigo,  
     No folgado nocturno,  
 Em rapida carreira apenas tocão!  
 Co'os olhos côr do céu, branda e serena,  
 Aquí de manhã vinha, aqui folgava  
 Conversar ás singelas co'a natura!...

    Parece que a estou vendo.

    Qual zephyrinho meigo

Que as espigas açoita levemente;  
 Assim lhe vai tremendo o eburneo collo,  
 Assim os lacteos pomos buliçosos,

    Brinco dos Cupidinhos,

    Docemente vacillão,

Quando entre as flôres nova flôr passeia!

    Eulina, Eulina minha!

Ah! não vendas tão cara a formosura:

Se a natureza a deu, deu para dar-se.  
 O peito ás leis de amor não encrueças:  
 Quem dura lhe resiste  
 Vai contra o céu, a natureza offende.

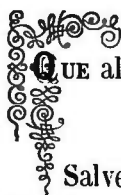
Sim, crê-me, ó cara Eulina,  
 Tudo o que sente, tudo o que respira,  
 Tudo o que do almo sol calor recebe,  
 Reconhece de amor supremo mando.

#### ARIA

Se a natureza  
 Te fez tão bella,  
 Porque és cruel?  
 Aprende della;  
 Sê-lhe fiel.  
 Eulina amada,  
 Se tens um peito,  
 Enche-o de ardor  
 Verás que effeito  
 Produz amor!



## CANTATA II



QUE alegre madrugada! os passarinhos  
Do somno despertando  
A aurora estão saudando.

Salve, ó bella manhã! Feliz quem póde  
Respirar o teu ar, que o sangue esperta;  
E longe do tumulto da cidade  
Contemplar a natura!

Que scena encantadora a formosura  
Destes valles amenos me apresenta!  
Salve outra vez, ó bella natureza,  
Que os homens desconhecem!  
Mas não: Nize gentil, a minha Nize,  
Da ingenua natureza os dons prezando,  
Não engrossa o cardume  
Dessas almas vulgares. Quantas vezes  
Apenas a manhã raiar começa,  
Solitaria baixando,

Aqui está a natureza contemplando !  
E que cheiro suave  
A matutina viração me envia !  
Talvez, ó Nize, o halito divino,  
Recostada na relva, ao fresco espalhes.

Eu não me engano, ó cara :  
Se as arvores meneia  
Buliçoso Favonio, manda aos ares  
O cheiro de mil pomos, de mil flôres :  
Azul regato, que os jardins retalha,  
Embebe roseo aroma :  
Assim, ó Nize, quando a choça me honras,  
O halito, que expiras, coalha os ares  
De angelica ambrosia !  
Agora que o horizonte avermelhado  
Vê fugir com a noite  
Opacas nuvens de vapores frios ;  
E os fervidos Etontes sacudindo  
As crinas refulgentes  
Querem passar as métas do Oriente,  
Oh ! que quadro gentil alma natura  
Aos olhos apresenta !  
Ao longe alcantilada penedia ,

Aqui e ali orlada

De arbustos verdenegros, vario musgo

A scena fecha ! O' Nize,

Vem qual d'antes, meu bem, ah ! vem comigo

Contemprar um chuveiro de bellezas :

A face do universo remoçado

Eterno amor juremos.

Abre a boca de nacar, um sorriso

Della a medo escapando,

De novas graças a natura enfeita.

Sim, teus beijos deleites mil gottajão,

Nize minha divina !

Vestidos de rubim, quando elles se abrem

Em meigo santo riso,

Os ares alvoroção, aviventão :

Elles de amor se accendem.

Aqui no valle, que os outeiros fende,

Onde as limpidas aguas ajuntando-se

Formão de prata arroios,

Quando pas-eias entre alegre e triste,

Qual a manhã serena ;

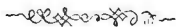
Eis o lascivo tremedor arrulho

Das leves avezinhas namoradas

Te presentem , ó Nize ; enternecidas  
De raminho em raminho andão saltando ,  
E parece te dizem gorgendo :

## ARIA

Nize tyranna ,  
Tem dó de Armido ;  
Torna , inconstante ,  
Torna ao querido  
A c nsolar.  
Elle te jura  
Por esses olhos ,  
Onde os amores  
Fervem a molhos ,  
Sempre te amar.



## A CREAÇÃO

**Q**UÊ sobre um alto do nascente mundo,  
D'onde as aguas tremendo recuárão,  
Quando ouvirão a voz do Deus do raio,  
Poderosa energia discorrendo  
Por entre a denegrada humida terra,  
Que do abysmo a cabeça levantava,  
Organizados, noveis entes cria,  
Viçosas plantas, de que o globo pasma!  
Pelos ventos aromas mil espalhão  
Os verdejantes ramos seus diffusos,  
Que do ar expansivo a vida tirão;  
Os zephyros brincões dependurados  
Alegres batem as lascivas azas.

Já d'entre o firme verde labyrintho  
Vôão, cortando o ar, canoras aves:  
Entoando canções em seus gorgeios  
Ledas saudão a menina aurora.  
Então amor de prole em laço estreito

As une todas. Laços que natura  
Forjou para os viventes, meigos laços,  
Que em vão intenta ferreo fanatismo  
Quebrar d'entre os humanos, Deus piedoso?

Eis pelo novo campo vêm saltando  
Animaes de cem fórmãs, cem figuras!  
Lá da noite do nada, em que jazião,  
Deus lhes faz ver a luz; a luz que tinha  
Do esteril cháos fecundado o seio,  
Ah! de prazeres mil gozão contentes,  
Que natureza liberal derrama;  
Nem austera razão, injusta e fraca  
Os atormenta com seus vãos remorsos.  
Porque teu braço aqui não suspendeste,  
O' sabia, compassiva Divindade?  
A creadora mão parar devêra.  
Pobres humanos, ah! porque os geraste?  
Leves momentos em prazer gastados,  
Que os crimes avenenão, sepultados  
Jazer devião no vazio nada!  
Nos campos geniaes de Eden formoso,  
Gentil morada, que nos destináras,  
Ligeiro somno apenas encetarão

Nossos primeiros pais, a quem o fado,  
Invejoso! segou em flôr os gozos.  
Então o negro Averno, impio e tyranno,  
Das sujas fauces vomitou sanhudo  
Cerrados esquadhões de horrendos males,  
Mil sanguinosos malfazejos crimes.  
O filho infame, bravejando de ira,  
No sangue maternal ensopa os braços,  
E pensa, meu bom Deus, q' assim lh'o mandas!  
Eis lá na costa d'Aulide saudosa  
C'o vivo sangue de Iphigenia bella  
As sacras aras da triforme deusa  
Manchou deslumbrada a grega frota.  
Ao vento dadas as madeixas d'oiro,  
Cingida a frente de sagrada faxes,  
Ao altar se avizinha. O sacerdote,  
Em alto alçando o barbaro cutello,  
O golpe lhe prepara. Ternas gottas  
A dôr espreme dos vizinhos olhos.  
Cruel, suspende o golpe: e de que serve  
Para ventos domar sangue innocente?  
Triste Iphigenia, misera donzella!  
Em vez dos laços de hymeneu suaves,

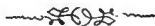
Que amor compadecido lhe tecia,  
De surdos deuses victima cruenta  
Cega superstição a sacrifica!

Lá de Haity nas praias assustadas  
De ver cavados lenhos, que orgulhosos  
Cerrão em largo bojo espanto e morte,  
Desembarcão ousados homens-monstros;  
E após o estandarte correm, vôão,  
Que fanatismo, que cobiça alçarão.  
Imbelles povos, Indios innocentes!  
Do armado Hespanhol provão as iras.  
Que Deus fizera um mundo, crêm os tigres,  
Para ser preza sua. Em toda parte  
Americano sangue, inda fumando,  
A terra ensopa, e amollenta as patas  
Dos soberbos ginetes andaluzes.  
Deus do universo! a natureza freme,  
E de horror na garganta a voz se prende!  
Tyrannos Europêos! e tanto pôde  
Esse loiro metal divinizado!

E tu, que os crimes dos mortaes conheces,  
Deus piedoso, Deus que nos criaste,  
Porque cruentas mãos livres lhes deixas?



Devias antes seus nefandos feitos  
Manso atalhar, do que punir irado !  
E se para o castigo é que os consentes,  
Sendo punidos, deixão de estar feitos?  
Se a machina imperfeita não regula,  
O artista é só culpado, que não ella.  
Ah ! se a obra de tuas mãos benignas  
Rebelde havia ser a teus preceitos,  
Antes, antes, ó Deos, a não formasses ;  
Criar folgaste eternos infelizes?  
Que perspectiva horrenda ! densas nuvens  
O horizonte da razão me embruscão !  
Immenso abysmo me rodeia todo !  
Fraca razão humana, cháos vasto  
De orgulho e de cegueira, ah ! não presumas  
Mysterios penetrar a ti vedados :  
Ama os homens, e a Deus : isto te basta.



## EPÍSTOLA

ESCRITA DE COIMBRA NO COMEÇO DA PRIMAVERA DE 1785

..... Nor ye wo live  
 In luxury and ease, in pomp and pride,  
 Think these lost themes unworthy of your ear.

THOMPSON, *Seasons*.



Tu, em quem liberal a natureza  
 Unio uma alma grande a um peito humano,  
 Tu que vês, doce amigo, caro Armindo,  
 Os miseros mortaes vagar sem tino  
 De desejo em desejo, de erro em erro  
 No immenso barulho das cidades,  
 D'onde a risonha paz e a irmãa justiça  
 Banidas pelo vicio vão fugindo;  
 Foge do albergue das paixões e crimes;  
 E pois que a primavera deixa a nuvem,  
 E fresca desce sobre os nossos campos,

Companheiro vem ser da natureza.  
Se annos inteiros lá na côrte gastas  
Com rostos mil fingidos, vem uma hora  
Gasta-la co'a amizade. — Verdes freixos,  
Que a casa me rodeião, sombra amena  
Copados guardão para ti. — As nymphas  
Colhem as novas flôres, que do seio  
Da terra o almo sol resplandecente  
Lá desde o assento seu, raiando, cria.  
Com ellas tecem mil gentis grinaldas  
Para ornarem-te a fronte, ó caro Armindo!  
Ah! se a terna Delmira inda te lembra,  
Deixa essas Marcias, deixa essas Nerinas,  
Nevados corações, que amor não sentem.  
Longe de nós, Armindo, esses amores  
Que acasos gerão, que desfaz uma hora:  
Longe de nós, Armindo, esses amores  
Prodigamente dados. que a vontade  
Engeita por fastio ou por cansaço.

Amor não quer athletas furiosos,  
Que á méta corraõ desbocadamente.  
Folga de amantes vivos, mas prudentes:

Util descanso, e fervidos prazeres...  
Então os meigos beijos voadores,  
Co'as azas buliçosas refrescando  
As amorosas faces inflammadas,  
Renovão a paixão, dão-lhe energia.  
Doces meiguices, brincos engraçados,  
Tudo precisa amor ; muito lhe servem.

De pampanos frondosos coroando  
Nossas cabeças, rubicunda a face,  
Sentados com Delmira em brando musgo  
Á sombra da floresta, rodeados  
De festivo esquadrão de Cupidinhos,  
De desejos gentis, de leves risos,  
Com o loiro Madeira, que desterra  
Negra melancolia pensadora,  
*Bassareo Evohé*, nós gritaremos.  
Lá quando a tarde foge amedrontada  
Do inverno irado, que seus ventos junta,  
E a noite principia a abrir as azas ;  
Voltando para a casa socegados  
Com teu modo socratico, mordendo  
Irás no velho mundo, que empeiora.

Graciosas pinturas delicadas  
 De puros *Zeros*, que per si não vivem,  
 Do politico Mevio barrigudo,  
 Dignas do grande Pope irás fazendo.  
 Desmiolada cabeça, em cujo ôco  
 Podem melhor girar trezentos mundos  
 Do que no espaço do divino Newton!

Quantos pequenos *embryões* das letras  
 No vasto alcaçar da benigna *deusa*  
 Alojados verás á perna solta!  
 Apathica manada que vegeta,  
 Enquanto poucos vivem. — Grande deusa!  
 Coeterna do cháos! mãe dos asnos!  
 Estupidez affavel que derramas  
 No calejado peito de teus filhos  
 Insipida alegria. — Ou abrindo a fonte  
 Fazes correr em bica mil palavras,  
 Escoltadas de *symbolos*, de *enigmas*;  
 A cuja vista timida a verdade,  
 Coitadinha verdade! espavorida  
 Desampara a *cadeira* de Minerva;  
 Reina no mundo, pois, nasceste *deusa*;

E ao redor de teu throno bocejando  
Teus gordos filhos vejas descansados  
Mil somnolentos *vivas* entoarem!  
Eu não desejo, nem deseja Armindo  
No altar da razão queimar-te incenso.  
Vem pois, amado amigo, e a natureza  
Contemplemos uma hora. Solitaria  
Nos campos mora, longe das cidades.  
Já sentados á sombra de altos freixos,  
Depois que o sol do seu doirado throno  
Aclara os céos, e os zephyros lascivos  
Faz ciciar nos campos florescentes;  
Já lá sobre o rochedo alcantilado,  
Que os prados do contorno senhoreia,  
D'onde a aguia veloz, cortando os ventos,  
Demanda as regiões do empyreo ether,  
Por todas estas scenas da natura  
Errar deixemos livre o pensamento.

Tu, amavel verdura, que atavias  
Os campos geniaes na primavera,  
Ah! faze com que Armindo solitario  
Entre a varia paisagem matizada

Veja correr seus dias na innocencia.  
Pura amizade, candidos amores  
Já esperão por ti, meu caro Armindo:  
Com Almena e Delmira, de mãos dadas,  
Em ameno passeio gastaremos  
As horas da manhã! Que lindas scenas!  
Eis em seu carro d'oiro a branca aurora  
As trévas afugenta do horizonte,  
E debilmente ainda os campos cora!  
Eis as mansas ovelhas temerosas  
Fazem soar os prados co'os balidos,  
Acordando os pastores preguiçosos!  
No bosque verdejante philomela  
Gorgeando se queixa docemente!  
Já o bando voador em meigos laços  
Com mil lascivos namorados beijos  
Impellido de amor se une ditoso;  
Laços gentis da provida natura!  
No brando seio os zephyros travessos  
Venus aquenta do nocturno frio.  
Ella mesma distilla orvalho puro,  
E com liquidas perolas borrifa  
Os tenrinhos botões das novas rosas!

O' alma do universo, ó Venus bella!  
Por ti respira tudo o que tem vida.  
A um teu aceno só milhões de *seres*,  
Já nos profundos reinos do oceano,  
Já na face da terra, ou lá nos ares  
Renovão a cadeia do universo!  
Tu viver fazes a *materia* inteira!  
Todos quantos respirão, vivem, sentem  
Na terra e mar, nas regiões do vento,  
Obedecem teus mandos, grande deusa!

Sim, meu Armindo, vem passar teus dias  
Nos ternos braços da fiel Delmira.  
Tu e mais ella, eu e mais Almena,  
Ignorados da *turba* viveremos  
Da singela virtude acompanhados,  
Emquanto com chimeras vis, ridiculas,  
Freneticos mortaes a vida estragão  
No seio de nil males e mil crimes.  
Ah! escapa ao naufragio! ah! busca o porto!  
Assim Voltaire, o vate dos philosophos,  
Cansado de lutar com vis intrigas,  
As côrtes desprezando, retirado



Na aprazível Ferney, viveu contente:  
Assim o pensador Rousseau sublime  
Herborisando terminou seus dias:  
Imitemo-los também, meu caro Armindo!



**O BRASIL**

Versos remattidos de Itú

À SUA Magestade o Senhor D. João VI

NO FAUSTÍSSIMO DIA 13 DE MAIO DE 1820

**Q**UE é isto, ó musas? porque a lyra empunho,  
A lyra, que ao silencio consagrára?  
De novo os labios não molhei nas aguas  
De Aganippe e Castalia! no Parnaso  
Não dormi, nem sonhei! Porque estro santo  
Me inflamma a mente de apollineo fogo?  
Mas eu já vejo o numen que m'ó accende.  
És tu, ó bom João: teus são meus versos;  
Gratidão m'os bafeja, a patria os pede.  
E tu, João Augusto, ouve estes versos,  
Que o Brasil me arrancou do esperto peito;  
E lança um volver de olhos piedoso  
De amor paterno sobre a nova China  
Que teus Lusos povôão, fertil, rica;

Sobre tudo o que vê o sol doirado,  
Quando nasce e se põe! Teu é inteiro,  
Desde o longo Pará ao largo Prata  
Este immenso paiz, mimo do Céu,  
Que deve merecer te amplos cuidados.

Não te enganem com vil hypocrisia  
Astutos cortezãos, sombrios bonzos,  
E os que nos molles vicios ser affectão  
« Albuquerque terriveis, Castros fortes,  
« Em quem poder porém já tem a morte. »  
Mas em torno de ti te adejem brandas,  
Filhas do Céu! verdade, sãa justiça,  
Meiga e candida paz, risonha Flora,  
Ceres, Pomona, os sylphos bemfazejos  
Que os thesouros te abrão, entranhados  
Nas vastas serras, nas impervias mattas.  
Illumina teus povos; dá soccorro,  
Prompto e seguro, ao indio tosco, ao negro,  
Ao pobre desvalido. — Então riqueza  
Teus cofres encherá. O mar inchado  
Verás manso acamar-se, como outr'ora,  
De novos Argonautas ante as prôas:

Verás o genio da gentil botânica,  
A quem a bemfeitora medicina  
Corteja, e acompanha a agricultura,  
A corôa enramar-te de mil loiros:  
A creadora chimica escoltada  
Das artes todas, verás o rico seio  
Revasar sobre ti, sobre teus povos,  
Dos thesouros que o patrio solo encerra.  
Mas hoje justo é que te offereça  
A nova Lusitania agradecida  
Grinaldas mil de immarcesciveis flôres,  
Que amor e lealdade te hão tecido.  
De jovens e donzellas côros cento  
Com ledos hymnos seus trôão os ares;  
E bemdizem-te hoje, ó rei augusto,  
Porque commercio e industria tu lhes abres;  
Tu lhes dás novas leis e novos fóros:  
Tu lhes ensinarás a arar a terra,  
Os rios navegar, rasgar os serros;  
Porque despedaçando vais benigno  
A immunda vestidura da pobreza;  
E de brutos farás homens e herôes!



## UMA TARDE

NO SÍTIO DE SANTO AMARO, PERTO DA VILLA DE SANTOS,  
DA PROVÍNCIA DE S. PAULO



Como esta matta escura está medonha!  
 Não é tão feia a habitação dos manes!  
 Este ribeiro triste como sôa  
 Por entre o pardo emmaranhado bosque;  
 E como corre vagaroso e pobre!  
 O sol, que já se esconde no horizonte,  
 O quadro afeia mais. — O vento surdo  
 De quando em quando só as folhas move!  
 A rouca voz parárão temerosos  
 Os esquivos *Jacús* (1) nos bastos galhos  
 Cheios de *Caraguataes* (2), das *Upiubas* (3).

(1) Os *Jacús* são especies do genero *Penelope* de Linneo.

(2) Pertencem ao genero *Bromellia*.

(3) São arvores das mattas virgens, cuja especie presentemente não posso determinar.

Das azas vai lançando a fusca noite  
Terror gelado ; o grito agudo e triste  
Nos velhos *sapezaes* (1) dos verdes grillos  
Sómente sôa ; e o ar cheio de trévas,  
Que as arvores augmentão, vêm cortando  
Do agoureiro morcego as tenues azas.  
É este da tristeza o negro alvergue!  
Tudo é medonho e triste! só minha alma  
Não farta o triste peito de tristeza!

(1) É uma das gramineas, que se apodera dos terrenos estereis, por cansados.



**AUSENCIA**

Em Pariz, no anno de 1790.

**P**ÓDE o fado cruel com mão ferrenha,  
Eulina amada, meu encanto e vida,  
Abafar este peito e suffocar-me!  
Que pretende o destino? Em vão presume  
Rasgar do meu o coração de Eulina,  
Pois fazem sós um coração inteiro!  
Imagem bella na minha alma impressa,  
Tu desafias, tu te ris do fado.  
Embora contra nós ausencia féra,  
Solitarias campinas estendidas,  
Serras alpinas, aridos desertos,  
Largos campos da cérula Amphytrite  
Dous corpos enlaçados separando,  
Conspirem-se—até mesmo os Céos tyrannos.  
Sim, os Céos! Ah! parece que nem sempre  
Nelles mora a bondade! Escuro fado

Os homens bandeando, como o vento  
Os grãos de arêa sobre a praia infinda,  
Dos miseros mortaes brinca c'os males!  
Se tudo póde, isto não póde o fado!  
Sim, adorada, angelical Eulina,  
Eterna viverás a esta alma unida,  
Eterna! pois as almas nunca morrem.  
Quando os corpos não possuem attrahidos  
Ligarem-se em reciprocos abraços,  
(Que prazer, minha amada! o Deus supremo,  
Quando fez com a voz gravido o nada,  
Maior não teve), podem nossas almas,  
A despeito de mil milhões de males,  
Da mesma morte. E contra nós que vale  
Do sangrento punhal, que o fado vibre,  
Quebrar a ponta? Podem ver os mundos  
Errar sem ordem pelo espaço immenso;  
Toda a materia reduzir-se em nada,  
E podem inda nossas almas juntas  
Em amores nadar de eterno gozo!






## ODES SAPHICAS

I

## Á ROLA



Tu que estes ares despejada cortas,  
Para onde, dize, vòas sacudindo  
Tantos aromas de sabéa origem,  
Doce rolinha?

Entre a plumagem de arroxadas côres  
Alegre trazes pallidas violas!  
A quem no bico offerecer destinas  
Jasmins e rosas?

Porque pendente do pescoço lindo  
Um papel trazes, que parece escripto  
De amores ternos, que um amante envia  
Á sua amada?

Pára, e responde: — Vou seguindo, amigo,  
Não meus caprichos; obedeço ao mando  
Imperioso de meu caro amo,  
De Nize escravo:

Nize formosa, Nize que domina  
Livres vontades, e com meigo riso  
As iras vence de Cupido, e vence  
Mortaes e deuses.

Desde os pendores da gentil *Tijuca*  
Vim ao chamado do meu grão poeta.  
Terno me pede: porém eu submissa  
Por amo o tenho.

Elle me ordena que lhe leve a Nize  
Carta nascida de seu brando peito;  
Cujos amores, dos mortaes inveja,  
Canta suave.

Quando entra as penhas, resoando a lyra,  
Nize celebra em *Catombi* ditoso;  
Ou nas sombrias, sempre verdes margens  
Do seu *Catete*.

Jurou-me agora de outorgar-me certo  
A liberdade, se esta carta entrego;  
Mas eu, que péso com juizo as cousas,  
Eu a rejeito.

De que me serve atravessar os ventos,  
Soffrer os frios da empinada serra,  
Comer faminta, de bichinhos cheias,  
Bagas agrestes?

De que me serve recrear os écos  
Dessas montanhas com lascivo arrulho,  
E em duras garras de gavião pirata  
Perder a vida?

Mais vale escrava do meu bom Josino  
Cumprir honrada e bem leal seus mandos;  
E no seu meigo bondadoso seio  
Gemer suave.

Sentado á mesa, elle comigo brinca:  
Eu lhe arretrato o seu melhor bocado;  
Pico-lhe os dedos, eu a barba pico,  
Beijo-lhe a boca.


Ri-se, e me amima. E se doidices faço,  
Não me castiga, nem sequer se enfada;  
Antes em taça de *Madeira* loira  
Logo me brinda.

Eu, quando Phebo calido remonta,  
Faço-lhe sombra co'as abertas azas;  
E se da noite vai crescendo o frio,  
Tambem o aquento.

Assim eu vivo regaladamente;  
Livre de laços, livre de perigos,  
Durmo tranquilla; ou de sentinella  
Guardo-lhe a lyra.



## Á PRIMAVERA

 Moço, bebamos; enche o copo, bebe :  
Já novas rosas novo aroma espargem.  
Eia ! ligeiros ao jardim desçamos,  
De Nize asylo.

Outra vez quero renovar amores,  
A philomela acompanhando a lyra :  
Que gema Nize, como aquella gema,  
Entre meus braços.

No canto escuso do rosal cheiroso  
A Baccho brinde, como aqui lhe eu brindo ;  
Brinde aos amores, que co'as rosas voltão,  
E com ellas brincão.

A vida acaba; muda-se a fortuna,  
Que bens e males sem juizo espalha:  
Os que hoje vivem, amanhã morreráõ:  
Amemos hoje.



## O ZEPHYRO

Imitação de Villegas

**O** tu que moras nesta verde selva,  
Hospede eterno do florido Maio,  
Halito doce da formosa Venus,  
Zephyro brando !

Das minhas ancias se o ardor sentiste,  
Se dos pezares algum dô tiveste ;  
Pára, e não fujas ; e a Derminda dize,  
Dize que morro.

Derminda um tempo minha dôr sentia,  
Derminda um tempo minha dôr chorava ;  
Amou-me um tempo, mas agora creio  
Que me aborrece.

Assim os deuses com amor paterno,  
Assim as deusas com ternura meiga  
Neguem, durante que feliz voares,  
    Neves á terra.

Jámais o peso da saraiva branca,  
Quando madruga o sobranceiro cume,  
Toque teus hombros, nem o máo granizo  
    Fira-te as azas.





## A CREAÇÃO DA MULHER

**J**A tinha o mundo  
Jove formado,  
E rei de tudo  
O homem creado.

Mas solitario  
Este se achava :  
Brusca tristeza  
O dominava.

Com mão profusa  
A natureza  
Em vão mostrava  
Tanta belleza!

Cantavão aves,  
Bulia o vento ;  
Tudo infundia  
Contentamento.

Florido o valle  
Reverdecia ;  
De aromas mil  
O ar se enchia.

Manhãa serena  
Leda brilhava ;  
Manto de estrellas  
A noite ornava.

E todavia ,  
Qual duro tronco ,  
O homem jazia  
Sisudo e bronco.

Covas escuras ,  
Matta enredada ,  
Nellas fazia  
Sua morada.

No solio eterno  
Jove sentado ,  
Assim aos deuses  
Falla pausado :

« Mortal soberbo  
Co' o entendimento  
Sondar pretende  
Mysterios cento :

« Só, pensativo,  
Se desalenta;  
Do mundo inteiro  
Nada o contenta.

« Eu distrahi-lo  
Quero piedoso;  
Beba sua alma  
Nectar gostoso. »

Forma então Jove  
Nova creatura;  
De Venus bella  
Fiel pintura.

Esbelto talhe,  
Meneio brando  
Mil amorinhos  
Vão rebanhando.

De oiro madeixas,  
Ao vento sôltas,  
Ameigão féras  
Que andão revôltas.

Os Cupidinhos  
Dos verdes olhos  
Duros despedem  
Settas a mólhos.

Covas da face  
Branca e rosada,  
Vós sois das Graças  
Gentil morada!

Vozes suaves,  
Que as almas prendem,  
De fio em fio  
Dos beijos pendem.

Ah! são seus beijos  
Fontes de vida!  
Em neve pura  
Romãa partida!

As alvas tetas  
De marfim puro,  
Ah! são mais rijas  
Que crystal duro!

Carne mimosa,  
Que a vista enleva,  
Onde o desejo  
Em vão se ceva!


Ao vê-la o homem  
Pasma, estremece!  
Quer abraça-la,  
Corre, enlanguece!

« Quem és? és deusa?  
O homem lhe grita;  
Ah! se pudesses  
Trazer-me dita! »

Ella responde:  
« Sou tua esposa:  
Deixa a tristeza,  
Ama-me e goza. »



## SONETO

 Eu vi Narcina' um dia, que folgava  
Na fresca borda de uma fonte clara:  
Os peitos em que amor brinca e se ampara,  
Com aljofradas gottas borrifava.

O collo de alabastro nú mostrava  
A meu desejo ardente a incauta avara.  
Com pontiagudas settas que ella hervára,  
Bando de Cupidinhos revoava.





Parte da linda coixa, regaçado  
O candido vestido descobria;  
Mas o templo de amor ficou cerrado:

Assim eu vi Narcina. — Outra não cria  
O poder da natura, já cansado;  
E se a póde fazer, que a faça um dia.



**SONETO**

Á Marina adoecendo no dia de seus annos

 Os fachos pelos ares sacudindo,  
 Voando baixão mil gentis amores;  
 Cingidas todas de festões de flôres  
 As Graças vejo vir folgando e rindo.

De ditos chocarreiros bando infindo,  
Brincos travessos, beijos voadores,  
Travando dos desejos matadores,  
Ledos se aprestão ao festejo lindo...


Eis chega amor! « Os miseros humanos  
Vinguemos hoje, diz; cesse a alegria;  
Não se celebrem de Marina os annos.

« Os males que ella fez punão-se um dia,  
Sinta murchar os olhos soberanos,  
E pague co'a doença a tyrannia. »



**SONETO**

Improvisado no casamento da Sra. D \*\*\*

 **E**STE que baixa em branca nuvem pura,  
Coroadado de murta, e de mil flôres,  
É Cupido, gentil deus dos amores,  
Que á terra desce cheio de ternura.

As nupcias assistir da formosura  
Vem, que mil corações c'os passadores,  
Que despedem seus olhos vencedores,  
Sujeitou de seu mando á prisão dura.

Ao vê-la o Numen de prazer se enchia;  
E as niveas faces com fervor lhe beija:  
Emtanto pudibunda ella sorria.

Vive, Delmira, diz: sempre te eu veja  
Rodeada de amores, de alegria,  
Fazer c'o teu Josino ás mais inveja.





## IMPROVISADO (1)

**D**ERMINDA, esses teus olhos soberanos  
 Têm captivado a minha liberdade;  
 Mas tu cheia, cruel, de impiedade  
 Não deixas os teus modos deshumanos.

Porque gostas causar dôres e damnos?  
 Basta o que eu soffro: tem de mim piedade!  
 Faze a minha total felicidade,  
 Volvendo-me esses olhos mais humanos.

Já tenho feito a ultima fineza  
 Para ameigar-te a rija condição;  
 És mais que tigre, foi baldada empresa.

Podem meus ais mover a compaixão  
 Das pedras e dos troncos a dureza,  
 E não podem abrandar um coração?

(1) Foi feito tendo o autor de idade 16 annos. Este e os dous seguintes são os unicos fructos da sua musa juvenil, que conserva; e só por isso os estima.

**SONETO** (4)

**D**ERMINDA, aquelle amor, que me juráras,  
Onde está, tantas vezes promettido?  
É possível que seja aborrecido  
Josino teu, que d'antes tanto amáras?

Ah! Derminda cruel, não me affirmáras  
Ser mais facil o ver-se destruido  
O globo todo inteiro, que fingido  
Ser o candido amor, que me mostráras?

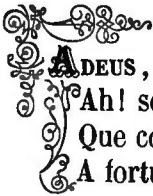
Tem feito o tempo ver a falsidade  
De tuas vãs promessas: nas traidoras  
Só se acha, ó cruel, variedade.

Mas fazes muito bem se não me adoras:  
Tal deve ser a feminil vontade,  
Pois não fôras mulher, se firme fôras.

(4) Foi feito tendo o autor 16 annos.

## SONETO (1)

Improvizado na partida para Portugal em 1783



ADEUS, fica-te em paz, Alcina amada,  
 Ah! sem mim sê feliz, vive ditosa;  
 Que contra meus prazeres invejosa  
 A fortuna cruel se mostra irada.

Tão cedo não verei a delicada,  
 A linda face de jasmims e rosa,  
 O branco peito, a boca graciosa  
 Onde os amores têm gentil morada.

Póde, meu bem, o fado impiamente,  
 Póde negar de te gozar a dita,  
 Póde da tua vista ter-me ausente:

Mas apesar da misera desdita  
 De tão cruel partida, eternamente  
 Nesta minha alma viverás escripta.

(1) Tinha então o autor 18 annos.



## ANACREONTICA

Os brincos, as meiguices,  
Os arrufos, os risos,  
Os odios, e caricias,  
Ternos *quindins*, denguiços

Eu já cantei d'Almira :  
Ah! faze, meiga Venus,  
Que ella me dê amores,  
Já que lhe dei a lyra.

## A NIZE

O rosto de Nize amada,  
Se c'os meus seus labios toco,  
Sorrindo-se envergonhada,  
É qual matutina rosa  
Pela aurora rociada.

## OUTRA

Pretendes encobrir, ó nescio amante,  
O amor em que ardes todo,  
Quando suspiras, e andas delirante!  
Se assim não fôra, o doce murmurio  
Desta fonte, que Nize outr'ora honrára,  
Nunca teus olhos humidos tornára!

A SRA. D. J. DE C.

Tocando piano.

Nestes teus dedos, Pepita,  
Morão Musas, morão Graças;  
E para nossas desgraças,  
Tambem Cupido, o frecheiro.



## EPIGRAMMAS

---

AO MINISTERIO DE L. DE V. E DO C. DE V. V.

**D**o nosso Portugal o bom Rodrigo  
Uma airosa boneca ia fazendo ;  
Sò faltava vesti-la mais á tragica.  
Mas eis que o máo diabo ,  
Que a virtude aborrece ,  
Cruel borrasca, raios cem despede ,  
E dá com elle á costa.  
Pedantes barrigudos , grãas crianças ,  
De miolo vazios ,  
Do carunchoso Estado o leme tomão ;  
E apenas avistárão a boneca ,  
Contra ella furiosos  
As unhas vão provar incontinente.

Um o braço lhe arranca, outro uma perna;  
 Emfim bramando de ira,  
 Um co'a forte queixada quer trincar-lhe  
 A pobre cabecinha. —  
 Desgraçada boneca! — Deus piedoso,  
 A homicida dentuça suspendei-lhe!  
 Não permittais que acabe degolada  
 A misera nação e o luso imperio!

---

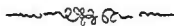
(Imitado de Bernard)

Dá-me um beijo, Marina; apaga a chamma  
 Que o peito meu consume.  
 « Pois bem, toma, Josino. »  
 Novos desejos brota o novo lume. —  
 Mais dous, Marina. — « Aqui os tens, mofino. »  
 O sangue se me inflamma!  
 Feliz serei, se quatro mais me deres.  
 « Desta vez te dou cem. » Prazer divino!  
 Ah! que eu morro! « Então dize o queres? »

---

(Imitação de Anaereonte)

Se nitidos montões de oiro invejado  
Dos humanos a vida prolongassem,  
Mil insanos trabalhos vergonhosos  
Para ajunta-los eu soffrêra um anno;  
E se a morte cruel e cobiçosa  
Visitar me viesse, eu repartira  
Com ella dos thesouros meus fechados.  
Mas se os doidos mortaes comprar não podem  
D'entre os braços da morte a cara vida,  
Não é loucura suspirar por oiro?  
Contentes pois c'os bens que desfructamos,  
Namoremos, amigos, e bebamos.

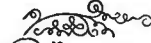






## PARAPHRASE

### DE PARTE DO CANTICO DOS CANTICOS

#### O ESPOSO

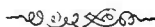

**AH!** dá-me, ó cara, os saborosos beijos  

 Dessa suave purpurina boca!  

 Quaes em torno das rosas orvalhadas  
 Abelhas diligentes, taes do acceso  
 Coração pulão fervidos desejos.  
 Já meus vorazes beijos vão roubando  
 Balsamico thesouro sobre os labios  
 Em que amor mora. A lingua sitibunda  
 De nectar divinal todo me inunda.  
 Mais jucundo que arabicos perfumes  
 É o halito teu, amada esposa!  
 Qual nova phenix entre aromas puros  
 Arde contigo já minha alma amante:  
 Arde, sim — mas ditosos seus ardores!

Pois para doces jubilos maiores  
De novo resuscita, quando morre.  
Tu de pombinha azul tens as pupillas:  
Dous pomos crús, que o crú amor nutrira,  
Brincão no meio do expandido seio:  
Elles, ó cara, são duas aljavas,  
D'onde mil corações amor setteia.  
Vaidosas Graças mil cingem-te o corpo  
Se passeias; e se ligeira corres,  
Pareces viração que os trigos move.  
Qual do prado rainha as flôres vence  
A fresca rosa, assim gentis donzellas,  
Quando te vêm, de inveja amarellecem.  
Crystal o collo, de ebano as madeixas;  
Lindos jasmíns os candidos dentinhos;  
Nos rubros beiços trazes mel e leite;  
Faz deste mundo céo um teu sorriso.

## A ESPOSA

Meu doce bem, ah! cessem teus louvores,  
Porque tal formosura eu não a tenho:  
Sim, eu ardo de amor, mas não sou bella.

Comtigo só, comtigo, caro esposo,  
Derreter-se de amor esta alma ancía.  
Feliz serei se o fogo meu te accende:  
E serão paga minha os teus deleites.  
Sim, um só coração de dous façamos.  
Com sympathico lume ambas as almas  
Amor nos accendeu — tua sou toda:  
Eu para ti, tu para mim nasceste.  
Desde que os olhos teus para mim voltas,  
O coração, qual raio, ah! tu me abrasas.  
Eu apenas respiro, perco as côres,  
Ardo, esmoreço, fico toda amores.



## EPITAPHIOS

---

AO POETA S...

**M**ORREU Mevio desgraçado,  
E desgraçado viveu:  
Por mais que o pedia a todos,  
Ninguem um real lhe deu.

AO P. J. A.

Jaz aqui Bavio enterrado ;  
Possa ser-lhe a terra leve:  
Ah ! para ser execrado,  
Que de trabalhos não teve?

AO P. S.

Jaz aqui quem sempre fallou,  
E depois que aqui está só se calou.

~~~~~

## DIALOGOS

(Imitados de Champfort)

### I

**N**IZE não me quer mais ver. —  
 « E porque? » Porque zangado  
 Namoradeira a chamei.  
 « As pazes eu vou fazer. »  
 Também de feia a tachei.  
 « Pois então, amigo, adeus. »

### II

ENTRE O GALLEGO E O AMO.

Meu amo, não foi possível  
 Comprar-vos pescada hoje.  
 « E porque? » Atravessou-se  
 Um beca, que m'a bifou.  
 « Aqui tens quatro moedas,  
 Compra a pescada e o beca. »

## III

Parece que sobre as bellas  
Não comes mais mócas já?  
« Tens razão »; e eu te diria  
O que penso ácerca dellas.  
« Ah! dize-o já sem tardar. »  
Espera, que é mais prudente  
Guardar isto para velho.


**FABULA PERSIANA**

Queria tola gralha mui ufana  
Da perdiz imitar o andar garboso;  
Não o pôde aprender, perdeu o seu.



## A BARCA DE SIMÃO

DE D. THOMAS IRIARTE

 T<sup>EV</sup>E Simão uma barca  
Sómente de pescador ;  
E sómente como barca  
A seus filhos a deixou.

Mas elles tanto pescarão ,  
E tanto *gimbo* ganharão ,  
Que já tinhão por desprezo .  
Não mandar baixel maior .

Passou a barca a chaveco ,  
Logo á fragata passou ;  
E depois a náó de guerra  
Que atroava terra e mar .

Mas já roto e velho o casco  
Das tormentas que soffreu ,  
Apodrecia no porto :  
Que mudança o tempo traz !

Mil vezes a tem crenado ;  
Mas por fim será melhor  
Desmancha-la, e contentar-nos  
Com a barca de Simão.





## ODE

## DE OSSIAN

QUE triste escuridão ! desamparada  
Na serra me acho das tormentas : berrão  
Sobre seu cume os ventos.  
As aguas gemem pela penha abaixo ;  
E contra a chuva asylo não diviso ;  
Pobre de mim, coitada !

Aqui estou solitaria, aqui sentada  
Sobre a rocha musgosa , sobranceira  
À margem da torrente.  
Das aguas e dos nortes o ruido  
Ouço sómente , mas não ouço as vozes  
Do doce amigo ausente !

Levanta-te, ó lua , ah! sahe da nuvem ;  
E vós resplande ei , da noite estrellas !

Talvez clarão benigno  
Me poderá mostrar onde repousa  
Da caça fatigado o caro amante  
C'os rafeiros ao lado!

Porque não vens a mim, ó meu querido?  
Ah! porque tarda da collina o filho  
Em cumprir a promessa?  
Eis a arvore é esta; eis o regato...  
Devias aqui estar antes da noite:  
Assim m'o prometteste.

O' vento, pára um pouco! e tu suspende,  
Regato, o teu rumor! minha voz se ouça  
Pela verde planicie,  
E do meu caçador fira os ouvidos.  
Quem por ti brada, quem por ti suspira,  
Eu sou, meu caro amante!

Junto da arvore estou, sobre o penedo  
Assignalado. — E porque, ó caro, tardas?  
Ah! ninguem me responde!  
Em vão pallida a lua a face mostra;

Em vão as aguas lá no valle brilhão!  
De mim já te esqueceste.

Lá inda ao longe debilmente alveja  
Aquella penha, que o caminho indica  
Que outr'ora elle seguia. —  
Mas através do cume eu não o vejo,  
Nem os seus cães fieis e dianteiros!  
Desamparada morro.



**TRADUÇÃO**

DE DOUS TRECHOS DA «THEOGONIA» DE HESÍODO

**ADVERTENCIA**

**U**SEI traduzir estes dous trechos da *Theogonia* de Hesíodo, por ser este velho poeta grego pouco conhecido, e estimado entre nós. Hesíodo é pelo menos tão antigo como Homero; e se devemos julgar pela sua mythologia mais physica que historica, parece-me que, ou lhe é anterior, ou ignorava a sua existencia, apesar de que alguns criticos modernos o

fação posterior a Homero, um seculo pelo menos. Homero poetizou na Asia menor, então mais culta que a Grecia européa, e a cujo bello clima deveu talvez a doçura de seus versos, e as imagens graciosas dos seus dous poemas.

Hesiodo porém é o primeiro poeta grego europêo, a quem as musas do Helicon, em cujas abas morava, inspirarão pela primeira vez. As obras certas, que delle nos restão, são a sua Georgica, intitulada *Obras e Dias*, que imitou e excedeu depois o culto e grandioso Virgilio; e sua *Theogonia*, ou geração dos deuses, poema mytho-theologico, onde apesar de secura enfadonha ha trechos de grande valentia, e sublimidade. Nella reunio e coordenou os mythos, e tradições oraes dos diversos povos e regiões da Grecia, inserindo nelles os germens da philosophia physica e theologica dos sabedores de então, para explicar as maravilhas do mundo, e firmar melhor a sociedade civil. Os hymnos ou ladainhas orphicas receberão delle nova

fôrma e novo ornato, nova alma, e imagens  
de alta poesia, cujas engenhosas allegorias  
dilucidarão, e aformosearão cada vez mais  
os poetas que se lhe seguirão.



**BATALHA**

ENTRE OS TITANOS E OS DEUSES

V. 629 e seguintes

**E** certo batalhárão largo tempo  
Titanios deuses, e os saturnios filhos,  
E derão-se entre si combates horridos:  
D'Othris altá os Titanos gloriosos,  
E lá no Olympo os deuses bemfeitores,  
(Que de Crono gerou, de tranças bellas  
Rhéa) dez annos entre si pelejão  
Guerra crúa, de sorte duvidosa;  
E os combates sem fim assim duravão.  
Mas dês que lhes deu Jove, o que era justo,  
Ambrosia divinal, e nectar puro,  
De que os deuses se nutrem, generosa  
Cresce a audacia em todos. E já fartos

Sendo d'ambrosia e nectar saboroso,  
Dos homens, e dos numes diz o padre:  
Ouvi-me pois, ó vós do céu e terra  
Inclyta prole, ouvi-me o quanto dicta,  
E manda esta alma, que no peito trago.  
Ha muito já, que de continuo andamos  
Pela victoria, e mando batalhando  
E os Titanos, e os que de Crono vimos:  
É tempo já que força, e mãos invictas  
Contra os Titanos, na pesada guerra,  
Mostreis agora; e recordeis de novo  
A placida amizade, e tudo quanto  
Depois de livres das prisões infames  
Dos calabouços horridos das trévas  
Gozais de bens, por nossa só vontade.  
Assim fallou. Replica Cotto illustre:  
Tu não dizes, ó Deus, cousas ignotas:  
Todos sabemos, que em prudencia e siso  
Ninguem te iguala. Tu sómente foste  
Que libertaste dos horrendos males  
Os immortaes. Por teu saber profundo  
Da escuridão, e dos grilhões sahimos.  
Que de penas incriveis não soffremos,



Almo filho de Crono! Agora cumpre  
 Com forte coração, acerto e manha  
 Vingar o vosso imperio em dura guerra  
 Contra os Titanos. Disse; e os bemfazejos  
 Deuses ouvindo-o, o seu dizer louvarão.

## A STYGE.

V. 775 e seguintes.

Mora neste lugar horrida Styge  
 Tremenda aos deuses, filha do oceano  
 Primogenita! E tem inclyto alcaçar  
 Longe dos immortaes, coberto todo  
 De lagedos ingentes, rodeado  
 Por argenteas columnas, que o sustentão.  
 Poucas vezes a filha de Taumante  
 Leve adeja do mar sobre as espadoas,  
 Quando entre os deuses surge alta contenda;  
 Mas se d'entre elles ha quem minta, manda  
 Jove subito a Iris, que lhes traga  
 Em aureo vaso aquella agua famosa  
 (Grande jura dos deuses!) que ressumbra

De alta rocha, depois que do oceano  
Longo espaço corrêra subterranea  
Pelo seio profundo. — E porém dizem  
Que é de toda ella só a parte decima;  
O resto se révolve no regaço  
Do vastissimo mar, e em torno á terra  
Em vortices de prata: e a outra parte  
Em grão damno dos deuses só gotteja.  
Se por esta jurou, e foi perjuro  
Qualquer dos immortaes, que o frio cume  
Do Olympo habita, por um anno inteiro  
Inerte jaz então, sem tino e accordo:  
Nem para elle ha já ambrosia, ou nectar;  
Mas sobre o leito jaz sopito, e mudo.  
Passado havendo deste mal o tempo,  
Á primeira sua dôr maior succede.  
Desterrado do céu nove annos anda;  
Nem jámais é chamado ao grão concelho,  
Ou á mesa dos deuses. — Em dez annos,  
Volta por fim ás divinaes moradas.  
Tal é da velha Styge a agua perenne,  
Por onde os deuses jurão. Ella banha  
Aridos chãos. — Ali da tenebrosa

Terra, e do inexhausto esteril ponto,  
E do polo estrellado estão por ordem  
As fontes, e as esqualidas, infaustas  
Raias, que os mesmos numes aborrecem.



**ODE PRIMEIRA**

DAS OLYMPICAS DE PINDARO

**ADVERTENCIA**

**A**BALANCEI-ME a traduzir esta ode, por ver que do maior e mais sublime dos lyricos antigos não tinhamos versão alguma boa ou má, em verso ou prosa. É lastima, que tendo nós tantas odes pseudo-pindaricas, não sabemos ainda o que sejam realmente odes de Pindaro, nem qual a sua maneira de poetar. É inutil talvez repetir aqui que Pindaro, apesar de nascer entre os Beocios, tachados *de gorda e crassa Minerva*, foi sempre reputado entre os Gregos pelo maior

poeta do seu genero. Esta opinião nacional acha-se tambem sanccionada pelos criticos latinos ; e bastará ler o que delle diz Quintiliano, e o que delle cantou o maior dos lyricos romanos. Entre os modernos, que podem ter voto decisivo na materia, Inglezes e Allemães, são seus enthusiasmas, não obstante que quasi toda a harmonia de seus versos é perdida para ouvidos do tempo de agora. Os mesmos Romanos, entre os quaes florescia a lingua grega, pela indole diversa da latina, não poderião já sentir, e saborear inteiramente as bellezas de collocação, as chammas do estro, e a ousadia das figuras e metaphoras, que muito têm da antiga poesia hebraica. Para fazermos porém alguma idéa das profundas e deliciosas sensações, que excitarião os sublimes canticos de Pindaro, devemos lembrar-nos que entre todas as nações cultas da antiguidade nenhuma havia mais enthusiasmica da musica, e da poesia, do que a grega ; devemos attender que uma victoria alcançada no estadio olympico,

por exemplo, era talvez de maior valia, que as do campo de Marte; e finalmente, que a poesia andava sempre acompanhada pela musica, e muitas vezes pela dansa. Sem estas considerações, muitos dos rasgos, e vôos pindaricos parecerão antes a alguns modernos, partos de embriaguez, ou de cerebro desconcertado, do que inspirações de Apollo. Porém para os Gregos de então que electricismo forte lhes não causaria o só pannejamento das idéas, o desenho, claro-escuro, e proporções dos pensamentos e imagens, as continuas allusões historicas e mythicas, e sobretudo o rhytmo e melodia poetica de uma lingua, que não tinha, e nem terá outra igual em todo o mundo.

Das numerosas obras poeticas de Pindaro sómente nos restão varias odes em louvor dos vencedores que alcançárão a palma da luta, e das carreiras equestres ou pedestres nos jogos publicos e geraes da Grecia. É de advertir porém que aquellas mesmas victorias só servião a Pindaro de estimulo e motivo

para desferir sublimes e variados cantos. Nelles o poeta divaga livre e soltamente pela mythologia dos heróes e semideuses, que fundarão cidades, e civilisarão povos; pelas tradições historicas, que realçavão a patria dos triumphadores, ou os lugares dos mesmos jogos; porém, ao mesmo tempo não se esquece de celebrar as virtudes dos vencedores, quando as possuíão dignas de memoria. É de tudo isto junto que Pindaro tece a teia de suas odes, dando-lhes ainda novo realce e alma com rasgos sublimes de moral, e de religiosidade. Permitta-se-me esta nova palavra, tomada aos Allemães; visto que religiosidade e religião são cousas differentes: um homem póde seguir uma heresia, e todavia ser muito religioso, e *vice-versa*. Para com Pindaro os deuses da gentilidade não são entes lascivos, vingativos e caprichosos, mas justos e benignos autores, conservadores e regedores do nosso mundo, a quem devião os Gregos reverenciar e adorar, e não calumniar e ridiculisar,

como fizeram Euripides, e outros poetas posteriores. É quanto basta para que o leitor instruído e de gosto possa fazer idéa do genio e indole das poesias de Pindaro; e só accrescentarei que não acho pintura mais adequada do genero pindarico, que a de Shakespeare, quando descreve o poeta em geral.

The poet's eye, in a fine frenzy rolling,  
Doth glance from heaven to earth, from earth to heaven,  
And as imagination bodies forth  
The forms of the things unknown, the poet's pen  
Turns them to shapes, and gives to airy nothing  
A local habitation, and a name.

É justo, porém, antes que acabe esta advertencia, dizer alguma cousa desta minha traducção. Bem sabia eu, antes de a começar, que a lingua portugueza rarissimas vezes pôde igualar ao laconismo e energia da grega; e todavia é a lingua portugueza bella, rica e sonora; menos dura e surda que a allemã e ingleza, mais energica e variada ao ouvido que a italiana; mais suave e natural que a



castelhana, e superior em tudo á franceza que é mais propria para os chistes e gentilezas de salas de senhoras, que para exprimir sensações fortes e grandiosas, ou para pintar imagens poeticas atrevidas e novas; mais propria emfim para as dansas de Venus, que para os vôos dithyrambicos de Bassareo.

Permitta-se-me alargar aqui alguma cousa mais o discurso para desengano de muitos de meus leitores preocupados. Com effeito, ninguem pôde duvidar que a lingua franceza é muito regular e logica, e optima para obras scientificas e discursos academicos; mas por isso mesmo muito captiva e sopeada para o estro lyrico. A construcção peculiar dos seus periodos e a falta de inversão se oppoem tambem muito á pancada electrica, que só dão as idéas dos vocabulos, quando são postos em lugar proprio. Por desgraça dos escriptores francezes, o dialecto sonoro provençal houve de ceder o passo ao surdo e retalhado dos Picardos e Normandos; e a lingua do bello seculo de Luiz XIV ficou mais monosyllabica

e monotonica do que convinha ao rhytmo e melodia da musica e poesia. Não podendo seus poetas pelo só numero e medida dos versos deleitar o ouvido, e excitar a attenção, fizerão-se escravos da *rima*, e recorrêrão a antitheses e agudezas, que enfastião pela sua repetição, e pelo *non erat hic locus*: em uma palavra, entre os Francezes verso e *rima* é uma e a mesma cousa, assim como nos centauros da mythologia o homem e o cavallo. Demais o seu verso heroico é uma copula forçada e cansada de versos de seis syllabas, ligados dous a dous; e o mesmo são os decasyllabos. Ambos elles são tambem por isso mais proprios para epigrammas e satyras que para composições grandiosas e cheias de estro. A facilidade e clareza, que ninguem pôde negar ao francez, todavia pouco ou nada ajudão aos vãos da fantasia, ao fogo dos affectos e aos extases do ouvido, que sómente podem causar o rhytmo do verso e a melodia natural dos sons. E como poderião ainda os seus melhores lyricos imitar em suas

odes o *os rotundum*, et magna sonaturum de Pindaro, como se explica Horacio? Daqui vem que João Baptista Rousseau, que passa com razão pelo seu melhor poeta lyrico, se brilha ás vezes como phosphoro, nunca me extasiou, ou fez bater o coração: quando Pindaro chammeja e queima, elle só luz, e faisca por momentos.

Apezar porém, do merito da lingua portugueza, ou por incapacidade minha, ou por falhas della, foi-me mui difficil ou quasi impossivel, sem aguar os pensamentos, ou despedaçar o gigante para crear pygmeos, traduzir a Pindaro com fidelidade, nobreza e laconismo, mórmente nos epithetos compostos, que muitas vezes um só delles forma um painel completo. Como poderemos em linguagem, sem paraphrase insossa e fria, verter, por exemplo, a bella invocação a Jupiter da ode primeira das Olympicas:

*Elater brontas akamantopodos.*

(Vibrante agitador do raio de incansaveis pés)

Onde acharemos nós uma só palavra que exprima a energia do *Elater*, e outra que pinte ao ouvido a rapidez galopante dos dous anapestos do epitheto ἀκαμχνοποδός. Para podermos pois traduzir dignamente a Pindaro, ser-nos-hia preciso enriquece<sup>r</sup> primeiro a lingua com muitos vocabulos novos, principalmente compostos, como provavelmente fizeram os mesmos Homero e Pindaro para com a sua: se por fatalidade nossa o immortal Camões, que tanto tirou do latim e italiano, não ignorasse o grego, certo teria dado ao seu poema maior força e laconismo, e á lingua portugueza maior emphase e riqueza. Nós já temos muitos vocabulos compostos tirados do latim, e porque não faremos, e adoptaremos muitos outros, tanto ou mais necessarios em poesia, como por exemplo: *auricómada*, *roxicómada*, *boquirubra*, *braccirosea*, *olhinegra*, *olhiamorosa*, *argentipede*, *tranciloira*, *docirisonha*, *docifallante*, etc., etc.? Ousem pois os futuros engenhos brasileiros, agora

que se abre nova época no vasto e nascente Imperio do Brasil á lingua portugueza, dar este nobre exemplo; e fico, que apesar de franzirem o beiço puristas acanhados, chegará o portuguez, já bello e rico agora, a rivalisar em ardimento e concisão com a lingua latina, de que traz a origem.

Para este meu primeiro ensaio não me foi possivel em Bordéos, nas minhas actuaes circumstancias, valer-me dos traductores inglezes e allemães, e só pude consultar a *Gedicke*, que muito me servio para a boa intelligencia, e critica do texto. Senti muito não poder ler de novo a versão de *Voss*, porque prézo muito as suas traducções poeticas, bem que muitas vezes seja nellas algum tanto duro, e pouco natural; mas quanto ás versões inglezas e italianas, creio que pouco perdí, se devo dar credito ao que dellas escrevêrão os criticos que li. Não consultei as francezas pelas razões já acima apontadas; e bastará dizer que Blondel principia esta ode com o risivel começo:

*C'est une chose excellente que l'eau.* Fr. Luiz de Léon, que tenho por um dos melhores lyricos da Hespanha, na traducção desta ode deu-nos uma paraphrase insulsa, e muitas vezes infiel: busquei nella a Pindaro, e não achei sequer o estro e força da *prophecia do Tejo*.

Ficão expostas as difficuldades, que tive de vencer na versão desta, e outras odes de Pindaro, em que trabalho. Se ella fosse muito atada á letra, seria má pelo barbarismo da phrase, e inintelligivel pela obscuridade do estylo; se muito solta e livre, não seria então traducção, mas sim uma paraphrase, ou composição minha. Procurei portanto, quando não podia emparelhar com Pindaro na carreira, não desviar-me ao menos do seu trilho, caminhando pelas suas mesmas pégadas; ou como honrado devedor, já que não podia pagar na mesma moeda recebida, busquei, quanto em mim coube, satisfazer em outra de igual quilate e peso. Finalmente vai esta traducção acompanhada de algumas

notas, que me parecerão de absoluta necessidade para sua melhor intelligencia. Ficarei contente, quando este meu ensaio não agrade a muitos dos meus leitores, que ao menos os excite a que fação melhor.



## ODE PRIMEIRA

## DAS OLYMPICAS DE PINDARO

- Ao Syracusio Hieron (1)



**A** PRIMAZIA tem dos elementos  
 A agua (2); e qual em noite escura chamma,  
 Que estrepitosa ondeia,  
 Entre a soberba das riquezas o oiro

(1) O escholiaste de Pindaro, e com elle alguns commentadores poem esta victoria de Hieron na 73<sup>a</sup> Olympiada, e por conseguinte em tempo que Hieron nem sequer regia a Gella, quanto mais a Syracusa. O titulo porém de *Syracusio* que lhe dá Pindaro, e outras passagens desta ode, mostram o contrario; e por isso sigo a emenda que fez Heine, lendo Olympiada 74<sup>a</sup> ou 75<sup>a</sup>, em vez de 73<sup>a</sup> como traz o escholiaste. Deste modo tudo se concilia.

(2) Aqui allude Pindaro á philosophia de Thales Milesio, que ensinava ser a agua a base e origem de todos os corpos do nosso globo.



Brilha : porém se queres ,  
 O' mente minha , celebrar victorias ,  
 Outro não busques astro , que te inflamme  
 Mais docemente que o esplendor diurno  
     Do sol , quando raiando  
 Os paramos ethereos atravessa ;  
     Nem mais famosas lides  
     Que os combates de Olympia.

Elles com hymnos fervidos dominão  
     O espirito do vate ,  
 Quando descantão o saturnio Jove (1)  
 No rico de Hieron ditoso alcaçar :  
 Hieron , que o sceptro da justiça rege  
 Em Sicilia , de mil manadas prenhe.  
 Ali cada virtude flôres colhe (2) ;

(1) Como os jogos olympicos erão principalmente consagrados a Jupiter , por isso os poetas convidados ao banquete de Hieron o celebravão á mesa.

(2) A *arete* dos Gregos é o mesmo que a *virtus* dos Latinos ; mas não propriamente o que ora chamão *virtude* os moralistas e theologos. Pindaro a tomava por aquella valentia corporal , e firmeza de animo , que muito prezavão Gregos e Romanos.

E em fulgido atavio  
 De melodicos cantos resplandece,  
 Se na hospedeira mesa  
 Em torno o celebramos (1).

Eia pois, arranquemos do alto muro  
 O dorico alaúde (2);  
 Já que de Pisá e Pherenico a fama (3)  
 De jubilo suave o peito me enche.  
 Ah! como leve sem espora vôa  
 Pelas margens do Alpheo (4)

(1) Era costume entre os Gregos, que os poetas convidados a banquete cantassem por turno os louvores do dono da casa; e para isso circulava o alaúde ou lyra pelas mãos de todos.

(2) O epitheto de *dorico*, de que se serve Pindaro, indica que o estylo ou genero musical, em que cantára esta ode, fôra o dorico, que entre os outros tres, jonico, lydico e phrygio, era o mais pomposo e sublime.

(3) *Pisa* é o nome antigo de Olympia, e *Pherenico* (victorifero) o do cavallo vencedor.

(4) Nenhum poeta deixa de fallar no Alpheo; mas talvez muitos ignorem ser um rio da Elide na Grecia, o qual corria perto do Estadio Olympico. O districto da Elide e a cidade Olympia estavam no Peloponeso (ilha de Pelope).

Quando lá ao seio do triumpho leva  
O seu senhor, o syracuõio principe,  
    Que com ginetes folga !  
Já seu renome raia na cidade,  
    Madre de herões fecunda,  
Do grão Lydico Pelope colonia ;  
A quem o forte abarcador da terra,  
Neptuno, amou outr'ora, quando Clotho,  
    Luzindo o eburneo hombro (1)  
    Da caldeira o tirára.

Ah ! sim , podemos crer que ha maravilhas ;  
    Mas quantas vezes contos  
Enganão os mortaes co'o variado  
    Ornato fabuloso !

(1) Para melhor intelligencia do autor, cumpre saber o que fabulava a mythologia ácerca de Pelope, e de Tantaló, seu pai. Este rei da Lydia, tendo sido banqueteadó pelos deuses, os convidou tambem á sua mesa; e para os regalar, talhou em pedaços a Pelope seu filho, e, cozinhados estes, os pôz na mesa. Jupiter percebeu o infame engano, e fazendo ajuntar todos os pedaços, os fez de novo cozer na caldeira, d'onde Clotho, uma das Parcas, tirou vivo a Pelope; mas como a faminta Ceres já tinha devorado um dos seus hombros, deu-lhe a Parca outro de marfim.

Magico toque da ficção . que adoça  
Dos homens o pezar , os mythos veste  
De roçagantes respeitaveis roupas,  
E ao incrível dá crença :  
Mas a serie do tempo é quem sómente  
A verdade afiança.  
Fallem os homens com respeito ao menos  
Dos immortaes celicolas ;  
Menor então é a culpa.  
Agora pois de ti cantar eu quero  
O que ninguem cantou , filho de Tantaló.  
Então quando teu pai na cara Sypilo (1)  
Os divos convidára  
A banquetes alternos , o potente!  
Tridentifero deus profunda chaga  
De amor sentio no peito ;  
E a ti , a quem roubára  
Sobre o seu carro d'oiro ao grão palacio  
Te conduzio de Jove  
Largamente adorado , onde já antes

(1) *Sypilo* é um monte da Lydia na Asia menor ,  
hoje Anatolia , em cujas abas havia uma cidade do  
mesmo nome.

A iguaes serviços fôra  
Roubado Ganimedes (1).

Tanta lide, de ti ninguem sabia;  
Nem mortal curioso á mãe afflicta  
Noticia alguma dava:  
Sô vizinho invejoso se aprazia  
Com escuro boato, de que os deuses  
Talhando o corpo teu em mil pedaços,  
Em agua recozidos,  
Por sobremesa tinham devorado (2).  
Oh! que loucura insana  
De infame gula enxovalhar os deuses!  
Já de medo estremeço!  
Ao maledico empolga ira divina.

(1) *Ganimedes* foi um príncipe troyano, que pela sua grande formosura fôra roubado, e conduzido ao Olympo, onde servia de copeiro na mesa dos deuses.

(2) Esta fabula rejeita com indignação Pindaro, e dá mais assisada causa ao castigo de Tântalo, em que depois falla. Esta fabula é contada differentemente pelos poetas; e Pindaro segue uma opinião pouco vulgar, bem que já ella se acha em um fragmento que nos resta do poeta Archiloco.

Se do Olympto os senhores algum dia  
     Mortal algum honrãrão ,  
 Tantaló foi um destes , não duvides.  
 Mas ah ! que não digere immensa dita  
 O coração humano ! Do soberbo  
     Com grave braço armado  
 Lançou mão a vindicta ; e Jove irado  
 Sobre o triste ligou cadente penha ,  
 Que debalde forceja eternamente  
 Da cabeça arrojor : eternamente  
     Fogé delle a alegria.

Assim com seus tres socios desgraçados (1)  
     O quarto afflicto passa  
 Em ais continuos vida abandonada. ^  
 A ambrosia e nectar, que roubára aos deuses,  
     E que immortal o tornão ,  
 Vaidoso regalou a mortaes hospedes.  
 Loucura enganadora, em vão presume  
 Teus feitos esconder a olho divino !

(1) Os tres companheiros da desdita de Tantaló são Sysipho, Tityo e Ixion, cujas fabulas são bem sabidas, e por isso inuteis de repetir.

Os immortaes então severos volvem  
 Á perecedoira humana especie o filho.

Mas quando o loiro buço  
 Da florida amorosa juventude  
 A parda barba lhe cercava em torno,  
 O coração lhe bate  
 Pelo terno consorcio appetecido  
 Da linda Hippodamia,  
 Do rei pisano filha.

No negrume da noite solitario  
 Pelas praias do mar anda vagando ;  
 E em altos brados ao terrivel clama

« Neptuno tridentifero :

Já se avizinha o deus, e elle assim ora:

« Eia, Neptuno, diz, se os dons sagrados

« Da Paphia te commovem,

« Ah! sustem de Enomáo a bronzea lança(1)!

(1) Enomáo (*OEnomaos*) rei da Elide, e por conseguinte tambem de Pisa ou Olympia, teve uma filha, a mais bella e linda rapariga do seu tempo, que é a Hippodamia, namorada por Pelope. Para obtê-la em casamento, devião os pretendentes combater com seu pai na carreira equestre. Apesar

- « Para Elide me envia  
 « Subito o carro teu. Com teu amparo  
 « Apanharei victoria.  
 « Já forão treze namorados jovens  
 « Da lança traspassados :  
 « E todavia o barbaro demora  
 « Da bella filha as nupcias.  
 « Nunca nobres perigos assaltarão  
 « Afeminados peitos ;  
 « E se morrer devemos ,  
 « Porque debalde alguém gastar a vida  
 « Ingloria quererá no escuro seio  
 Do opprobrio , não cuidadoso  
 « Das heroicacções? Não, o combate  
 « Eu o vou arriscar e tu benigno  
 « Ditoso fim concede. »

do grande perigo, a que se expunhão de morte quasi certa, já tinhão sido vencidos e mortos 13 principes que a pretendêrão. Pelope porém, ajudado de Neptuno, o deus creador do cavallo, e, como dizem, animado pela sua namorada, que o acompanhava no carro, obteve a victoria. Outros mythologos querem que Pelope muito devêra ao cocheiro de Enomáo, que talvez voltára o carro no meio da carreira.



Assim falla o mancebo , e se apodera  
Da alma do deus co'ò não baldado rogo.

Em jubilo se accende ,  
Eis já lhe empresta o deus doirado carro ,  
E incansaveis cavallos voadores.

Assim escapa de Enomáo á sanha ,  
E a donzella conquista ,  
Que seis filhos lhe déra  
Famosos reis , e de virtudes ricos.  
E mil valiosas victimas agora  
Em honra sua fumão , dormitando  
Á corrente do Alpheo :  
E os combates olympicos em torno  
O seu tumulo afamão  
Junto do altar sagrado , que visitão  
Bando de forasteiros.

A gloria e fama das pisanas lides  
Ao longe resplandecem  
De Pelope no estadio ,  
Onde os rapidos pés correm , porfião ,  
E forças juvenis co'afinco lutão :

E na carreira equestre  
Jubilo doce o vencedor ajunta  
Aos longos annos. Ah ! e que prazeres  
Maiores ha , mais puros do que aquelles  
Que cada dia voltão ?  
Eia pois hoje ao vencedor teçamos  
Nobre grinalda de canções eolicas (1)  
Segundo a lei do estadio.

Ninguem ao hospede meu ao meu amigo  
Entre os viventes ousará negar-lhe  
De sabio e poderoso a primazia :  
Ninguem certo merece  
Em sonoro alaúde  
Por mim cantado ser mais do que elle.

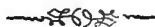
Deidade protectora  
Com meigo coração os teus desejos  
Bafeja ; e se durar celeste amparo  
(Assim o espera a mente)

(1) Canção *eolica* quer dizer canção *thébana*, pois Pindaro era natural de Thebas, cidade povoada antigamente pelos Eolios.

Eu tambem o saturnio outeiro subo (1),  
Que o sol tanto allumia.  
Das canções immortaes calcando a senda,  
O carro teu celebrarei rodante;  
E altivo cantarei, Hieron ditoso.  
A ti suaves hymnos;  
Que já me empluma a musa  
De novas forças a potente frecha.

A cousas desvairadas se abalanção  
Aqui e ali os homens;  
Mas aos reis alto cume só torreia.  
Os olhos não abaixes;  
Marcha constante a cavalgar a altura;  
Que eu marcharei a par dos vencedores,  
Com meu ousado canto allumiando  
A Grecia toda inteira.

(1) Este outeiro era vizinho ao estadio, e delle  
muitos vião os jogos e combates olympicos.



**A PRIMAVERA**

IDYLLIO TRADUZIDO DO GREGO

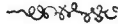
**ADVERTENCIA**

**F**oi este lindo idyllio composto em grego pelo poeta Meleagro, natural de Gadera, na Syria, que floresceu um seculo, com pouca differença, antes do nascimento de Christo.





Pela primeira vez o imprimio em Roma, no anno de 1759, em 4º, o Sr. João Baptista Zenobetti, que o tirou de um codice manuscripto, que da bibliotheca palatina passára para a do Vaticano; e o traduzio e commentou amplamente. Como porém não

pudesse eu consultar esta bella edição, servi-me do texto grego sem espiritos nem accents, e da versão latina, como vem na obra periodica, que outr'ora se publicava em Berne com o titulo: *Excerptum totius Italicae, necnon Helveticae litteraturae*, no tomo 4º do de 1750. Tanto mais sinto a falta da edição do Sr. Zenobetti, quanto é o texto assaz corrompido em um lugar bem que todavia não damne a corrupção ao sentido do mesmo texto. Muito mais me é para sentir o não haver eu podido ainda alcançar a excellente edição de Meleagro, que deu á luz o Sr. Graefe, professor do instituto pedagogico de Petersburgo: já que de um helenista tão consummado, e tão habil e pratico na poesia grega, como elle é, de esperar era que corrigisse o referido lugar de uma maneira plenamente satisfactoria aos entendidos do grego. Nesta minha traducção procurei, quanto em mim foi, ser fiel, e chegado ao texto; sem comtudo ser duro e inintelligivel, como não raras vezes tem acontecido a

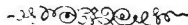
algumas modernas versões portuguezas de antigos classicos. Se esta traducção dê tanto gosto aos leitores, quanto me deu a lição de seu original, ficarei por certo satisfeito; quando não, foi isso trabalho perdido e de poucas horas, de que me não arrependo.



## IDYLLIO

 **J**Á do Ether fugio ventoso inverno ,  
 **E** da florida primavera a hora  
 **P**urpurea rio : de verde herva mimosa  
 **A** terra denegrída se corôa.  
**B**ebem os prados já liquido orvalho ,  
**C**om que medrão as plantas , e festejão  
**O**s abertos botões das novas rosas.  
**C**om os asperos sons da fruta rude  
**F**olga o serrano , o pegureiro folga  
**C**om os alvos recentes cabritinhos.  
**J**á sulcão nautas estendidas ondas ;  
**E** favonio innocente as velas bója ;  
**A**s Menades , cobertas as cabeças  
**D**a flôr d'hera , tres vezes enrolada ,  
**D**o uvifero Baccho orgias celebrão.  
**A** geração bovina das abelhas  
**S**eus trabalhos completa ; já produzem

Formoso mel ; nos favos repousadas  
Candida cera multiplicão. Cantão  
Por toda a parte as sonoras aves ;  
Nas ondas o alcyão ; em torno aos tectos  
Canta a andorinha ; canta o branco cysne  
Na ribanceira , e o rouxinol no bosque.  
Se pois as plantas ledas reverdecem ,  
Floresce a terra ; o guardador a fruta  
Tange , e folga co'as maçãas folhudas ;  
Se aves gorgeião , se as abelhas crião ,  
Navegão nautas , Baccho guia os côros ;  
Porque não cantará tambem o vate  
A risonha , formosa primavera ?





**PARAPHRASE**

DE PARTE DO PSALMO XVIII

**M**AS eis já, que prodigio ! de repente  
A terra muge, pavida tremendo :  
Os valles magem : as montanhas todas  
Ondeião mal seguras nas raizes :  
E quem resistir pôde  
De um Deus á accessa ira ?  
Já tudo cêrca devorante fogo :  
Nos ares boião denegridos globos  
De basto fumo. Em vivas brasas arde  
O polo todo inteiro.  
Ah ! quem será ? Os eixos das esphas  
Já se lhe abaixão — densas nuvens cobrem  
Os pés seus rapidos !

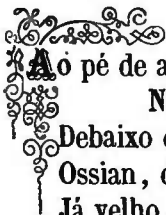
Sobre incansavel (1) cherubim montado,  
Galopa e vôa; mas eis que pára, e ergue  
Grão pavilhão, em que se occulta. Em torno  
Que pavorosa escuridão o cérca,  
E fusco véo de nuvens bastas, gravidas  
De mil cinzentas aguas! Ah! já fogem  
Subito as nuvens! Resistir não podem  
Ao scintillar dos turbidos sobr'olhos  
Do grande Deus irado; a um seu aceno  
Já se desfazem em torrentes d'agua.

(1) O *Cherub* dos poetas hebreus parece ser a *sphinge* alada dos Egypcios, d'onde os Gregos fizeram o seu *Pegaso*.



**RESTO**

DE UMA TRADUÇÃO DE OSSIAN

Ao pé de alto rochedo alcantilado  
No cume da montanha,  
Debaixo de um carvalho carcomido,  
Ossian, de Fingal derradeiro filho,  
Já velho, sobre o musgo repousava.  
A loira crespa barba  
Agitada do vento lhe ondeava;  
Sózinho, pensativo,  
Já privado da vista, elle escutava  
A voz medonha do tufão do Norte.  
Negra tristeza então lhe assalta o peito,  
E a chorar os mortos seus assim começa:  
Eis-te cahido, qual um grão carvalho,  
Cercado de seus ramos!

Onde, ó rei Fingal, onde estás, ó padre?  
Onde estás tu, Oscúr ó filho amado?

Onde estão os meus todos?

Ah! repousão na terra! embalde os braços  
Estendo, e com mão gelada apalpo

O tumulto já frio: só a torrente

Ouvindo estou, que brame furiosa

Na pedra sepulcral, que as cinzas cobre!

Que me queres dizer, negra torrente?

Lembranças do passado me apresentas.

Filhos de Fingal nestas margens erão

Qual matta espessa em chão succoso e rico:

Agudos ferros suas lanças erão.

Bem temerario, quem oppôr-se ousava

Ao seu furor e raiva!

Fillán-o-Grande estava aqui. Tu estavas,

Oscúr meu caro filho!





Aqui estava o potente e nobre Fingal

Co'a fronte branca de velhice honrada;

Sobre as membrudas pernas se firmava,

Suas largas espadoas presentando.

**TRADUÇÃO****DO PRINCIPIO DA PRIMEIRA NOITE DE YOUNG**

 **C**ONFORTO da cansada natureza,  
 Somno suave! Qual o mundo, paga  
 Onde fortuna vi, prompto a visita.  
 Elle abandona os infelizes, — foge,  
Batendo as brandas azas, do infortunio;  
E poussa sobre os olhos não manchados  
Por uma ineiga lagrima sómente.  
De breve e triste somno interrompido  
(Qual meu costume) acórdo. Ah! quão felizes  
Aquelles são, que nunca mais acórdão!  
De um mar de sonhos resurgindo acórdo  
Tumultuosos: onde o pensamento  
Misero, atassalhado, erra sem tino  
De onda em onda de mil imaginados  
Males, perdido da razão o leme!

Bem que agora já livre, é só mudança  
(Amargosa mudança!) de pezares  
Severos inda mais! O dia inteiro  
A meus males tão curto! e a noite ainda  
Lá no zenith do seu dominio escuro,  
Qual sol em meio-dia resplandece,  
E as côres aviventa do meu fado.  
O' noite, ó atra deusa! com sombria  
Funerea pompa, lá do throno d'ébano  
Agora sobre o mundo amadornado  
O plumbeo sceptro estendes! Que silencio  
Mortifero! Que trévas! Quão profundas!  
Não acha objecto a vista, ou ouvido attento;  
Ah! dorme a criação—bem como o pulso  
Geral da vida se parasse um pouco  
E uma pausa fizera a natureza!  
Tremenda pausa! de seu fim prophetica.  
Possa já realisar-se a prophecia!  
Fado, ah! por piedade o panno abaixa,  
Pois que para perder, mais nada tenho.

:




**TYTIBO**

IDYLLIO PRIMEIRO DE VIRGILIO

Traduzido em verso portuguez

**ADVERTENCIA**

 Não chamo as bucolicas de Virgilio *Eclogas*, mas sim idyllios como os de Theocrito, a quem imita ; porque a palavra *Ecloga* em grego não significa em geral poesia pastoril, mas sómente *obra escolhida* entre outras varias.

É provavel que os grammaticos antigos, commentadores e explanadores de Virgilio, pelo primor da obra lhe dessem este nome,

nome que depois foi exclusivamente applicado a taes composições. Para a boa intelligencia deste bello idyllio cumpre em primeiro lugar saber que elle fôra composto no outomno do anno de 713 da fundação de Roma, sendo consules Lucio Antonio e Publio Servilio Isaurico, tendo Virgilio 28 ou 29 annos de idade. Nelle agradece o poeta a conservação da sua pequena herdade de Andes, junto á Mantua, cidade principal da Gallia Cisalpina, ou Italia superior, pois que as demais terras dos termos da mesma Mantua e de Cremona tinhão sido confiscadas e repartidas arbitrariamente pelos soldados veteranos de Octaviano Cesar e Marco Antonio, depois da batalha e victoria de Philippos contra Bruto e Cassio.

Para fazer patente, e realçar a clemencia de Augusto, faz Virgilio figurar no idyllio a Tytiro, velho abegão e pastor da sua herdade que finge ter ido á Roma implorar sua alforria, e a conservação da fazenda, em cuja cultivacão e amanho tinha envelhecido.



Não é preciso pois recorrer a allegorias ineptas e arbitrarías, que injurião o bom juizo do poeta, como o tem feito até agora a maior parte dos escholiastes e commentadores.

Galatêa não é Mantua, nem Amaryllis Roma; são duas servas ou camponezas que successivamente vivêrão em contubernio com Tytiro. Este abegão não é também Virgilio; é um servo já idoso a quem por costume de superioridade e por bondade dá Augusto o nome de rapaz.

Procurei nesta minha traducção conservar o typo dos idyllios virgilianos, isto é, a naturalidade sem baixeza, e a nobreza de estylo sem inchação nem requintes de agudezas; fugindo com esmero dos dous extremos viciosos, escravidão litteral e desenfreada liberdade. Á vista disto, compare o leitor esta versão com as de Leonel da Costa, Candido Lusitano, e Malhão, e decida se perdi o meu tempo.


Rogo-lhe também que para melhor avaliar a concisão da cópia, haja de lembrar-se que

a lingua latina não tem artigos nem particulas de casos , nem tempos compostos de verbos , como a portugueza : e demais advirta que o hexametro latino tem em cada verso ás vezes mais de quinze syllabas , quando o verso heroico portuguez só tem dez ou onze quando muito ; e não se esqueça igualmente das outras causas , que necessariamente alongão qualquer traducção poetica , mórmente de textos gregos e latinos.

Se este meu pequeno trabalho merecer alguma approvação , prometto publicar os outros nove idyllios que restão . acompanhados das notas criticas , scientificas e estheticas , que fôrem necessarias para plena intelligencia e sabor de um poeta como Virgilio.



**TYTIRO****MELIBEO.**

 Tu debaixo da copa recostado  
Da larga faia, ó Tytiro, te ensejas  
Em leve canna na silvestre musa :  
O paterno recinto, e as doces lavras  
Deixamos nós; da patria nós fugimos.  
Tu, ó Tytiro, á sombra repousado,  
Fazes o nome de Amaryllis bella  
Nos bosques resoar †

**TYTIRO.**

O' Melibeo,  
Um Deus nos outorgou este descanso:  
Para mim elle sempre um Deus será;  
E seu altar mais de uma vez c'o sangue  
Dos proprios anhos tingirei devoto.

Elle me concedeu que minhas vaccas  
Livres e soltas, como vês, pastassem:  
Elle me concedeu estar agora  
Na agreste gaita a bel prazer folgando.

## MELIBEO.

Não t'ó invejo de certo: mas me espanto;  
Pois nestes campos os tumultos reinão  
Por toda a parte. Ah! vê còmo enxotando  
Vou para longe afflicto essas cabrinhas;  
E apenas esta conduzi-la posso!  
Esta que ha pouco sobre nua pedra,  
Aqui mesmo entre bastas avelleiras,  
Ah! dous gemeos deixou parida, que erão  
Da grei minha esperança! Estas desgraças,  
Se eu não fôra tão simples, muitas vezes  
Pelo raio feridos os carvalhos  
M'as predizião. — Tambem a avessa gralha  
Do carcomido azinho m'ó predisse.  
Mas quem seja este Deus, dize-nos ora?

TYTIRO.

O' caro Melibeo, nescio eu julgava  
Ser a cidade, essa que chamão Roma,  
Mui semelhante a esta, para onde  
Costumamos levar os ovelheiros  
Nossos tenros borregos; e dest'arte  
Cachorros confundia com rafeiros,  
Com cabras cabritinhos; e soía  
Assim emparelhar grande e pequeno:  
Mas entre as outras alça a frente Roma  
Tanto quanto entre os vimes o cypreste.

MELIBEO.

Que grande empenho tinhas de ver Roma?

TYTIRO.

Liberdade, pastor, que já tardia  
Alfim se me voltou, já quando inerte  
Me tosava o barbeiro a ruça barba;  
Alfim se me voltou, passados annos.

Ámaryllis nos tem, já Galatêa  
Nos ha deixado; e devo confessar-te  
Que no tempo em que amei a Galatêa,  
Nunca pude ser forro; e nem cuidado  
Jámais eu tive de ajuntar peculio;  
Bem que anhos cem do meu redil sahisses,  
E para a ingrata Mantua gordos queijos  
Espremesse! porém jámais voltava  
Co'a mão pesada de miudo cobre.

## MELIBEO

Ámaryllis gentil, eu me admirava  
De ver que triste os deuses invocavas;  
E para quem os pomos pendurados  
Nas arvores deixavas! Sim, ausente  
Daqui estava o teu Tytiro! os pinheiros,  
As claras fontes, os salgueiros mesmos  
Por Tytiro chamavão!

## TYTIRO.

Que faria?

Não me era concedido de outro modo  
Sahir do captiveiro; e daqui fóra  
Lá conhecer tão bemfazejos deuses!  
Ali o Joven vi, por quem cada anno  
Fumão nossos altares dias doze:  
Pois elle foi quem respondeu primeiro  
A meus rogos benigno. — Como d'antes,  
Disse, pascei, rapazes, vossas rezes,  
E os touros assogai.

## MELIBEO.

Ditoso velho!

Alfim conservas tua pátria herdade,  
Que assaz te basta, inda que nua rocha  
Estreita os pastos, e o juncal lodoso  
Hervagem desusada as prenhes rezes  
Não damnará; nem do vizinho gado  
Ao teu se apegará ronha e gafeira.

Ditoso velho ! Aqui por entre os rios ,  
Teus conhecidos , nas sagradas fontes  
Sombrio fresco tomarás : na extrema  
Do campo a sebe , onde as abelhas chupão  
Dos floridos salgueiros mel hybleo ,  
Sestear te fará com seu zunido.  
O podador dali sob o penhasco  
Aos ares mandará ledas cantigas ;  
Emquanto tambem as roucas pombas ,  
Teus amores , pastor , e a triste rôla  
Gemer não cessarão lá do alto olmo.

## TYTIRO.

Primeiro os cervos pastarão nos ares ,  
E o pégo deixará seccos na praia  
Os peixes ; e primeiro confundindo  
Antigas raias , desterrado o Partho  
No Araris beberá , no Tigris rapido  
O Germano , primeiro que do peito  
Jámais se risque sua imagem santa.



## MELIBEO.

Tristes de nós porém, que fugitivos  
Iremos habitar na África adusta!  
Outros á Scythia irão, outros á Creta  
Beber as aguas do ligeiro Oaxes,  
E ao Bretão, do orbe inteiro separado.  
Ah! se algum dia succeder que volte,  
Depois de largo tempo, á pobre choça;  
Se meus reinos eu vir, ah! quão pasmado  
Ficarei, se enxergar inda uma espiga!  
Ora pois, Melibeo, peras enxerta,  
Põe por ordem bacello! — Foge, oh! gado,  
Outr'ora tão feliz! Fugi, cabrinhas!  
Na enverdecida gruta recostado  
Jámais pascer não vos verei de longe  
Da rocha o matagal, dependuradas.  
Nunca jámais escutareis meu canto!  
Nem jámais tosareis, por mim guiadas,  
Salgueiro amargo, e florido codeço.

## TYTIRO.

Ah! fica hoje comigo, e reclinado  
Em verdes folhas, nesta noite ao menos  
Dá doce somno ao fatigado corpo.  
Maduras temos saborosas fructas,  
Castanhas molles, requeijão bem fresco:  
Pois já de longe a fumar começão  
Das pastoris habitações os tectos,  
E as sombras, que dos altos montes descem,  
Sobre nós já maiores vêm cahindo.



**ODE AOS BAHIANOS**

**A**LTI**V**A musa, ó tu que nunca incenso  
Queimaste em nobre altar ao despotismo ;  
Nem insanos encomios proferiste  
De crueis demagogos ;

Ambição de poder, orgulho e fausto  
Que os servis amão tanto, nunca, ó musa,  
Accendêrão teu estro — a só virtude  
Soube inspirar louvores.

Na abobada do templo da memoria  
Nunca comprados cantos retumbárão :  
Ah! vem, ó musa, vem: na lyra d'oiro  
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna! desprezível  
Mais qu'essas almas vis, que a ti se humilhão,  
Prosterne-se a teus pés, ó Brasil todo ;  
Eu, nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga , a mão que açoita  
Escravos nados , sem saber , sem brio ;  
Que o barbaro Tapuya , deslumbrado ,  
O deus do mal adora.

Não — reduzir-me a pó , roubar-me tudo ,  
Porém nunca aviltar-me , póde o fado ;  
Quem a morte não teme , nada teme —  
Eu nisto só confio.

Inchado do poder , de orgulho e sanha ,  
Treme o vizir , se o grão senhor carrega ,  
Porque mal digerio , sobr'olho iroso ,  
Ou mal dormio a sésta.

Embora nos degrãos de excelso throno  
Rasteje a lesma , para ver se abate  
A virtude que odia — a mim me alenta  
Do que valhô a certeza.

E vós tambem , BAHIANOS , desprezastes  
Ameaças , carinhos — desfizestes  
As cabalas , que perfidos urdirão  
Inda no meu desterro.

Duas vezes , **BAHIANOS** , me escolheste  
Para a voz levantar a prò da patria  
Na assembléa geral ; mas duas vezes  
Forão baldados votos.

Porém emquanto me animar o peito  
Este sopro de vida , que inda dura ,  
O nome da **BAHIA** , agradecido ,  
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade , e a independencia  
Da doce cara patria , a quem o Luso  
Opprimia sem dó , com riso e mofa —  
Eis o meu crime todo.

Cingida a fronte de sanguentos loiros ,  
Horror jámais inspirará meu nome ;  
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo ,  
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos —  
Meu nome acabe , para sempre acabe ,  
Se para o libertar do eterno olvido  
Fôrem precisos crimes.

Morrerei no desterro em terra estranha,  
Que no Brasil só vis escravos medrão —  
Para mim o Brasil não é mais patria,  
Pois faltou a justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,  
Nunca mais vos verei -- sonhei outr'ora  
Poderia entre vós morrer contente;  
Mas não — monstros o vedão.

Não verei mais a viração suave  
Para o aereo vôo, e de mil flôres  
Roubar aromas, e brincar travêssa  
C'ô tremulo raminho.

Oh! paiz sem igual, paiz mimoso!  
Se habitassem em ti sabedoria,  
Justiça, altivo brio, que ennobrecem  
Dos homens a existencia;

De estranha emulação acceso o peito,  
Lá me ia formando a fantasia  
Projectos mil para vencer vil ocio,  
Para crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,  
Frescas grutas então, piscosos lagos,  
E pingues campos, sempre verdes prados  
Um novo Eden farião.

Doces visões! fugi — ferinas almas  
Querem que em França um desterrado morra:  
Já vejo o genio da certa morte  
Ir afiando a foice.

Gallicana donzella, lacrimosa,  
Trajando roupas ltuosas longas,  
Do meu pobre sepulcro a tosca loisa  
Só cobrirá de flôres.

Que o Brasil inclemente (ingrato ou fraco)  
Às minhas cinzas um buraco nega:  
Talvez tempo virá que inda pranteie  
Por mim com dôr pungente.

Exulta, velha Europa: o novo Imperio,  
Obra prima do Céu! por fado impio  
Não será mais o teu rival activo  
Em commercio e marinha.

Aquelle , que gigante inda no berço  
 Se mostrava ás nações, no berço mesmo  
 É já cadáver de crueis harpias,  
 De malfazejas forias.

Como, ó Deos! que portento! a Urania Venus  
 Ante mim se apresenta? Riso meigo  
 Banha-lhe a linda boca, que escurece  
 Fino coral nas côres.

« Eu consultei os fados, que não mentem  
 (Assim me falla piedosa a detusa):

« Das trévas surgirá sereno dia

« Para ti, para a pátria.

« O constante varão, que ama a virtude,

« C'os berros da borrasca não se assusta;

« Nem como folhá de alamo fremente

« Treme á face dos males.

« Escapaste a cachopos mil occultos,

« Em que ha de naufragar, como até agora

« Tanto aulico perverso—em França, amigo,

« Foi teu desterro um porto.



« Os teus BAHIANOS, nobres e briosos,  
 « Gratos serão a quem lhes deu sóccorro  
 « Contra o barbaro Luso, e a liberdade  
 « Metteu no solo escravo.

« Ha de emfim essa gente generosa  
 « As trévas dissipar salvar o Imperio;  
 « Por elles liberdade, paz, justiça  
 « Serão nervos do Estado.


« Qual a palmeira que domina ufana  
 « Os altos topos da floresta espessa:  
 « Tal bem presto ha de ser no mundo novo  
 « O Brasil bem fadado.

« Em vão de paixões vis cruzados ramos  
 « Tentaráo impedir do sol os raios—  
 « A luz vai penetrando a copa opaca;  
 « O chão brotará flôres. »

Calou-se então — voôu. E as soltas tranças  
 Em torno espalhão mil sabéos perfumes,  
 E os zephyros as azas adejando  
 Vasão dos ares rosas.



**ODE AOS GREGOS**

 O' musa do Brasil, tempêra a lyra,  
Dirige o canto meu, vem inspirar-me :  
Accende-me na mente estro divino  
De heroico assumpto digno !

Se comigo choraste os negros males,  
Que a saudosa cara patria opprimem,  
Da Grecia renascida altas façanhas  
As lagrimas te sequem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente,  
Politica malvada a Grecia vende ;  
As bandeiras da cruz, da liberdade,  
Farpadas inda ondeião.

As baionetas que os servis amestrão,  
Carnagem, fogo não assustem peitos  
Que amão a liberdade, amão a patria,  
E de Helenos se prezão.

Como as gottas da chuva o sangue ensopa  
Arido pó de campos devastados;  
Como do funeral lugubre sino  
Gemidos mil retumbão.

Criancinhas, matronas, virgens puras,  
Que á apostasia, que á deshonra vota  
O feroz Moslemim, filho do inferno,  
Como martyres morrem.

E consentis, ó Deus! que os tristes filhos  
Da redemptora cruz, arabes, turcos  
Exterminem do solo antigo e santo  
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;  
Contra barbaros cruz, honra e justiça:  
A Europa geme, — só tyrannos frios  
Com taes horrores folgão.

Rivalidades, ambição, temores,  
Sujo interesse a inerte espada prendem,  
E o sangue de christãos, que lagos forma,  
Um ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mas contigo  
Murcharáõ de Albion honra e renome ;  
O sordido egoismo que a devora  
É já do mundo espanto !

Não desmaies, porém : a Divindade  
Roborará teu braço ; e na memoria  
Gravará para exêmplo os altos feitos  
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animão  
De Miltiades ; já da campã fria  
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo  
Para acordar os netos.

« Helenos, brada, ó vós, profe divina,  
Basta de escravidão—não mais opprobrios !  
É tempo de quebrar grilhão pesado,  
E de vingar infâmias.

« Se arrasastes de Troya os altos muros  
Para o crime punir que amor causára,  
Então porque soffreis ha largos annos  
Estupros e adulterios ?

« Forão assento e berço ás doutas musas  
O sagrado Helicon, Parnaso e Pindo:  
Moral, sabedoria, humanidade  
Fez vicejar a lyra.

« Ante helenicas prôas se acamava  
Euxino, Egeo, e mil colonias ião  
Levar artes e leis ás rudes plagas,  
E da Lybia e da Europa.

« Um punhado de herões então podia  
Tingir de sangue persa o vasto Ponto:  
Montões de corpos inda palpitantes  
Estrumavão os campos.

« Ah! porque não sereis o que já fostes?  
Mudou-se o vosso céu e o vosso solo?  
E não são inda os mesmos estes montes,  
Estes mares e portos?

« Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas,  
O fraticida braço não tivessem  
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia  
Curvára o collo á Roma.

« E se de Constantino a infame prole  
Do fanatismo cego não houvera  
Aguçado o punhal, ah! nunca as luas  
Tremulário ufanas.


« Depois que foste, ó Grecia, miseranda,  
De despota brutaes brutal escrava,  
Em a esquerda o *korão*, na dextra a espada,  
Barbaria préga o turco.

« Assaz sorveste já milhões de insultos,  
Já longa escravidão pagou teus crimes:  
O Céu tem perdoado. — Eia, já cumpre  
Ser Helenos, ser homens.

« Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo  
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes;  
Eia, morrei de todo, ou sêde livres! »  
Assim fallou, — calou-se.

E qual ligeira nevoa sacudida  
Pelo tufão do norte, a sombra augusta  
Desapparece. A Grecia inteira brada:

« Ou liberdade ou morte. »

**O POETA DESTERRADO**

**O** lyra brasileira, que inspiravas,  
Com teus hymnos, no peito amor de glorias;  
Tu que o pranto da esposa suspendias,  
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro  
Já não accendes de Mavorte o fogo.  
Nem cantas os trophéos da patria amada  
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada  
De secco ramo; ou temperada agora  
Em tom mais brando, vai soar tristonha  
Em acanhado estylo.

Ah! não digas, ó zoilo, mal do vate,  
Se procurando lenitivo á mágoa,  
Sob a copada rama solitario,  
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto  
Que abandonado em terra estranha geme ,  
A qual recorrerá propicio nume  
Senão a Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita ,  
É tambem de Narcinda a santa causa:  
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito  
De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda ,  
Ella com suspiros acompanha :  
São sorrisos da lua , que embellece  
Da negra noite o manto.

Não do regato o placido sussurro ,  
Nem o travesso zephyro , que esperta  
Do lethargo da sombra a flôr cheirosa ,  
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil , qual matutina rosa  
Pelas gottas de Maio rociada ;  
Assim do teu dilecto olhos e peito  
Arrebatas sorrindo.



Ah! não digas , ó zoilo , mal do vate ,  
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio ;  
Pois no meio do sonho dos amores ,  
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceu o vate :  
Em ditosos dias chammejava  
Sua alma ardente , do heroismo cheia ,  
Quando uma patria tinha !

A corda que cicia docemente  
Sobre a doirada lyra mal fadada ,  
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro ,  
Vibrar rapida setta.

Os labios , que ora movem molles versos ,  
Já levantar soberão da vingança  
Grito tremendo , a despertar a patria  
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria !  
Da liberdade o brado , que troava  
Pelo inteiro Brasil , hoje emmudece  
Entre grilhões e mortes !

Sob suas ruínas gemem . chorão,  
Longe da patria os filhos foragidos :  
Accusa-os de traição , porque a amavão ,  
Servil , infame bando .

Ah ! não digas , ó zoilo , mal do vate ,  
Se aos lares seus não volta ; acicalado ,  
Subito ferro afogaria o grito ,  
Que pela patria erguesse .

Ali da santa liberdade os filhos ,  
Esses poucos , que restão , foragidos  
Vivem inglorios ; pois as honras dão-se  
A perjuros escravos .

Almas fracas e vis ! e vós não vêdes  
Que o facho horrivel . que allumia a senda  
Das falsas honras , accendeis no fogo  
Que abrasa o Brasil todo ?

Quando mortes fulmina a tyrannia ,  
E calca aos pés o merito e virtude ,  
Uma lagrima sequer não vos arranca  
A terra em que nascestes ?

Maldição sobre vós, almas damnadas!  
A taça do prazer a vós vos saiba  
Como o mel venenoso das abelhas  
Da cisplatina plaga.

Suspirai pelo céu, morrei no inferno  
— Contentes, paz e gloria de vós fujão  
Como as aguas de Tantaló fugião  
No Tartaro dos Gregos.

Ah! não digas, ó zoilo, mal do vate,  
Se á paphia deusa algum consolo pede;  
Se a aguda dôr, que pela patria sente,  
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,  
Que um relampago só penetre as trévas,  
Que o seu Brasil envolvem, nesse instante  
Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado  
Da liberdade deporá ligeiro  
A branda lyra — então com nova murta  
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate , se nutrido  
Entre perigos foi! Se denodado  
Da morte os brados retumbar ouvira  
Com não mudado rosto !

Que um Trasybulo novo se levante  
C'um punhado de heróes , a tyrannia  
No ensanguentado throno já lutante  
Cahirá aos pés exangue.

Mas enquanto o Brasil adormecido  
Brilhantes dias renovar não sabe ,  
Repita ao menos o seu nome amado  
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime ,  
Estranhos se condôão; e os suspiros  
Da lyra, que através dos mares vôão ,  
Façã chorar a patria.

Adeus, ó lyra : basta ; já se embruscão  
Cada vez mais os ares : — sombra espessa  
Envolve em torno a placida ramada ,  
Em que teu vate geme.

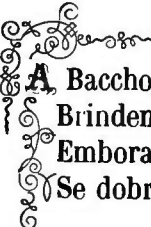
Fica pois suspendida d'alto cachopo :  
Nem mais afflicta mão as cordas fira ;  
Ao murmurio da fonte só responde ;  
Os zephyros te movão.

Aos apartados écos da collina  
Muda teus sons ; e do pastor a gaita  
Fremito doce em ti sómente excite ,  
Ou zunidora abelha.

Adeus emfim , adeus , lyra piedosa !  
Ah ! quantas vezes o teu pobre vate  
Ameigava comtigo a dôr profunda  
Em desveladas noites !

Se tantos males supportou constante ,  
A ti o deve , ó lyra — já não podes  
Ora mais consolar dobradas mágoas !  
Adeus , em paz descansa !



**CANTIGAS BACCHICAS**

**A** Baccho brindemos,  
Brindemos a Amor:  
Embora aos corcundas  
Se dobre o furor.

Em brodio festivo  
Mil copos retinão;  
Que a nós não nos minão  
Remorsos crueis.

Em jubilo vivo  
Juremos constantes  
De ser como d'antes  
A patria fieis.

A Baccho brindemos, *etc.*

Consocios amados,  
Se a patria affligida  
Por nós clama e lida,  
Pois longe nos vê;

Jámais humilhados  
Ao vil despotismo,  
No meio do abysmo  
Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, *etc.*

Gritemos unidos  
Em santa amizade:  
Salve, ó liberdade!  
E viva o Brasil!

Sim, cessem gemidos,  
Que a patria adorada  
Veremos vingada  
Do bando servil.

A Baccho brindemos, *etc.*

A não combatida  
Da tormenta dura,  
Furores atura  
Do rabido mar.

Já quasi sumida,  
Resurge, e boiando  
Lá vai velejando,  
Sem mais soçobrar.

A Baccho brindemos', *etc.*

Bem prestes, amigos,  
Vereis vossos lares;  
Tão tristes azares  
Jámais voltaráõ.

Os vis inimigos  
Só colhem vergonha;  
E negra peçonha  
Distillão em vão.

A Baccho brindemos, *etc.*



Se a patria nos ama,  
Ama-la sabemos:  
Por ella estivemos  
O sangue a verter.

Se a patria nos chama,  
Iremos contentes  
Com peitos ardentes  
Por ella a morrer.

A Baccho brindemos, *etc.*

Patricios honrados,  
Aos ternos meus braços  
Em mutuos abraços  
A unir-vos correi.

Co'os copos alçados  
De novo juremos  
Que amigos seremos...  
Já bebo — e bebei.

A Baccho brindemos, *etc.*

A Venus fagueira,  
A Baccho risonho,  
Ninguem por bisonho  
Se esqueça brindar.

Moafa ligeira  
Tomemos agora:  
Amigos, vão fóra  
Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos,  
Brindemos a Amor:  
Embora aos corcundas  
Se dobre o furor.





**ESBOÇO BIOGRAPHICO**



## ESBOÇO BIOGRAPHICO.

Quis desiderio sit pudor aut modus  
Tam cari capitis? . . . . .

. . . . .  
Ergo Quincilium perpetuus sopor  
Urget! cui pudor et justitiæ soror  
Incorrupta fides, nudaque veritas,  
Quando ullum inveniet parem?

HORAT., *Ode ad Virgilium.*

**M**ORREU o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, ás 3 horas do dia 6 de Abril de 1838, e deixou aos verdadeiros Brasileiros saudades e remorsos. Para alliviar umas e curar outras, é destinado o breve esboço biographico e necrologico que se apresenta.

O conselheiro José Bonifacio nasceu na villa de Santos, provincia de S. Paulo, aos 13 de Junho

de 1763, de uma familia nobre daquella provincia, ramo dos antigos Srs. de Bobadella, hoje condes, e dos Srs. d'Entre-Homem e Cavado na provincia do Minho, que tiverão outr'ora o titulo de Condes de Amares, e Marquezes de Montebello; familia illustrada na republica das letras pelos doutores José Bonifacio de Andrada e Tobias Ribeiro de Andrada, e o padre João Floriano Ribeiro de Andrada, tios do conselho; o primeiro dos quaes se distinguio nas sciencias phisicas e medicas, como se mostra das obras manuscriptas que d'elle existem; e o segundo, thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, primou como grande canonista e jurisconsulto. O terceiro, o padre João Floriano, dotado de imaginação a mais rica, foi um poeta celebre; d'elle ainda existem diversos fragmentos poeticos, entre elles a *Vida de S. João Nepomuceno*, testemunho da sublimidade de sua fantasia poetica, da multiplicidade de seus cabedaes de litteratura, e da força de sua razão.

O amavel menino, pois desde então se distinguirão já suas qualidades futuras, recebeu sua primeira instrucção na mesma villa do seu nascimento, sob os olhos de seu pai o coronel Bonifacio José de Andrada, homem assaz instruido para o seu paiz e classe, e de sua mãe D. Maria Barbara da Silva, matrona exemplar por suas virtudes, zelo com que educou seus filhos, e caridade para com os pobres, e que ali mereceu o nome de — mãe da pobreza —; cuja memoria nunca se perderá entre os seus patricios,

e cujo nome é ainda recordado com saudade e respeito por toda a sua villa.

Finda sua instrução primaria, passou o menino para a cidade de S. Paulo a fazer o seu curso de logica, metaphysica e ethica, e de rhetorica e lingua franceza nas escolas que, á sua custa, o bispo diocesano D. Fr. Manoel da Resurreição, nome caro ás sciencias, erigira naquella capital; e ali o moço José Bonifacio tanto se distinguio, que o bispo, que era ligado com sua familia, e desejava a gloria do estado ecclesiastico, fez os maiores esforços para conseguir que elle se dedicasse á Igreja; ao que porém nem o joven, nem a sua familia, que tinha sobre elle outras vistas, annuirão. Foi em S. Paulo que elle começou a amontoar o cabedal de litteratura em que tanto se avantajou depois; a litteratura propriamente dita, a philologia e a linguistica captivárão seus momentos; o uso da bibliotheca escolhida que para o publico franqueára o sabio bispo D. Fr. Manoel da Resurreição, enriqueceu sua memoria, desenvolveu o seu entendimento e razão, e fortificou o seu juizo; ali pela primeira vez sentio a inspiração poetica, de que ha amostras na colleção de fragmentos poeticos, que imprimio em Bordéos, debaixo do nome de — Americo Elysio.

Passou depois o joven José Bonifacio a Portugal a ultimar sua educação litteraria na universidade de Coimbra; e ali, além de estudar a jurisprudencia, se distinguio no estudo das sciencias naturaes,

mórmente da clinica, que tinham reformado Lavoisier e outros sabios da escola franceza; tomou os grãos de bacharel formado em direito civil e de bacharel em sciencias naturaes, e se fez senhor do empirismo francez, a que desgraçadamente tinham dado voga as obras de Condillac e outros ideologistas, e adquirio novas riquezas em litteratura geral e linguistica.

Acabada a sua educação litteraria, foi o joven Andrada para Lisboa, onde, apresentado ao duque de Lafões, foi escolhido por socio da academia real das sciencias, que então se organisava, e depois, por proposição della, despachado para viajar a Europa, como naturalista e mineralogista. Foi então que tomou estado, casando-se com D. Narcisa Emilia Oleary, senhora amavel, de origem irlandeza, e que foi assaz conhecida nesta cõrte pela sua amabilidade e amenidade de character, e doçura de costumes. Partido José Bonifacio para Europa, dez annos a correu, desde os verdes campos da Lombardia até a gelada Suecia e Noruega; sequioso de instrucção e conhecimentos, tudo observou e notou com a perspicacia e penetração do sabio; do que podem fazer fé os jornaes de suas viagens, que ainda existem manuscritos. Mereceu o conceito da Europa culta; foi aggregado a muitas sociedades sábias; e suas memorias, escriptas nas linguas portugueza, franceza e allemã, são provas irrefragaveis do seu aproveitamento; as doutrinas mais abstrusas das escolas critica e tra iscendental, as lucubrações dos Kants, Fichtes, Bouterweks e



Schellings se lhe tornárão familiares. A sociedade Philomatica, a dos Naturalistas em Pariz, a Linneana de Iena, a dos Investigadores da Natureza de Berlim, a academia real das Sciencias de Stockholmo, a de Copenhagen, e muitos outros institutos litterarios da Italia e Allemanha o chamárão ao seu seio. Os sabios mais distinctos do norte e sul da Europa o honrárão com a sua amizade.

Rico emfim de conhecimentos adquiridos, tendo desprezado offercimentos vantajosos e honrosos de estabelecimentos em paizes estrangeiros, como por exemplo o convite pelo principe real da Dinamarca para inspector das minas da Noruega, recolheu-se a Portugal, onde pelo conde de Linhares, ministro amigo das letras, foi mandado a crear a cadeira de mineralogia na universidade de Coimbra, nomeado intendente geral das minas do reino e desembargador da relação do Porto, e mais tarde encarregado do encanamento do rio Mondego, lugares que encheu com honra e zelo, e onde fez todo o bem que se podia esperar de suas vastas luzes e probidade; e, creada a sociedade Maritima de Lisboa, fez della parte.

Sobreveio a invasão franceza, que forçou a retirada de D. João VI para o Brasil, e o nobre Andrada foi sempre surdo ás palavras assucaradas com que o governo intruso buscou allicia-lo; e quando por fim o povo, cansado de soffrer e inspirado de patriotico entusiasmo, ergueu o pendão da independencia e liberdade, e buscou enxotar do solo portuguez os

invasores, foi José Bonifacio um dos primeiros que correu ás armas, e no posto de major, e depois no de tenente-coronel commandante do batalhão academico, prestou á causa portugueza relevantes serviços, e recebeu honrosos testemunhos nas ordens do dia do tempo. Expulsos os Francezes, o conselheiro Andrada, nomeado intendente da policia do Porto, açaimou o exagerado desejo de castigo contra os afrancezados, e soube conciliar o que exigia a justiça contra os verdadeiros inimigos de sua patria com a indulgencia que se devia mostrar á simples seducção e aos erros de entendimento, que cumpre tolerar.

Finda a grande luta portugueza, a latente saudade do Brasil, que a azafama dos negocios tinha como abafado no coração patriotico do conselheiro José Bonifacio, lançou novas labaredas: vir ainda acabar os seus dias na terra abençoada de Santa Cruz, onde a fortuna o fez nascer; respirar antes de morrer as frescas virações peneiradas por entre os esbeltos coqueiros e copadas mangueiras que aformoseião o risonho Brasil, era o pensamento que sempre o occupára, e que então mais do que nunca o occupava. Conseguiu pois licença do governo e veio apresentar-se nesta côrte ante o monarcha. Fallava-se então da criação de uma universidade no Brasil; e era natural escolher-se para seu creador e primeiro reitor um sabio abalisado e encyclopedico como o conselheiro Andrada, o unico capaz de erguer este estabelecimento ao par dos mais perfeitos da Europa; mas a amarella

inveja, que já o espiava, para roubar-lhe a gloria, fez mangrar o projecto. Descontente, porém sem despeito, indemnizado apenas com a metade do que perdêra na Europa, e com o titulo de conselho, retirou-se para Santos, seu berço natalicio, e ali nas suas terras dos *Outeirinhos*, novo Cincinnato, occupou-se na cultura de seu terreno, bem como na communicação de alguns amigos, e na conversação dos amigos velhos, os sabios de outr'ora, em que abundava sua escolhida livraria, e esquecido do mundo e seus barulhos, e das ambições e invejas pequenas de uma côrte em tudo o mais pequena, mas grande em corrupção, venalidade e desmoralisação, e de uma inepecia e incapacidade além de toda a concepção. Já de então a ingratição dos reis o ensinava a preparar-se para a da nação, que depois devia sentir.

No remanso da paz corrião iguaes seus dias, quando o brado da liberdade, que em Portugal soára, ecoou até o Brasil, e em S. Paulo se creou um governo provisorio, no qual tiverão assento o conselheiro Andrada e seu irmão Martim Francisco, e aos seus esforços foi devida a honrosa escolha dos dignos deputados daquela provincia ao congresso de Lisboa, avantajando-se entre elles outro irmão do conselheiro Andrada, Antonio Carlos, que, secundado por seus collegas, á excepção de um, soube conservar a dignidade do Brasil, e calçar o caminho para sua independencia. Uma facção no congresso queria arteiramente, a coberto de palavras sonoras de

igualdade e liberdade, refazer no Brasil o antigo regimen colonial; decretou pois a retirada do principe regente, joven esperançoso, bem que deleixadamente educado, e que parecia, cousa rara em principes, amar as instituições liberaes. Ao ouvir tamanha traição, levantou-se o Brasil em massa, e o nobre principe abraça a nossa causa, e chama para seu lado o conselheiro Andrada, que parte para a côrte, deixando em S. Paulo seu irmão para dirigir o governo da provincia. Chegado á côrte, aniquila as vistas traidoras da tropa lusitana e a fôrça a embarcar; enquanto em S. Paulo seu irmão aprompta forças para debella-las, e as faz marchar; e o outro seu irmão nas côrtes tropeja contra as violencias portuguezas, e prediz a independencia do Brasil, se não mudarem de conducta. Reunido depois com seu irmão Martim Francisco, a quem expulsára uma conspiração no sentido luzitano, na qual tivera grande parte um character politico, qualificado depois de eminente Brasileiro ! decidirão a declaração da independencia, que promoveu de boa fé o principe real, depois Imperador D. Pedro I. Nome venerando, lá do assento celestial, onde sem duvida estás, escuta a voz de um verdadeiro Brasileiro, austero censor de tuas faltas, porém o maior respeitador de tuas virtudes. O severo buril da historia, a cujo dominio hoje pertences, gravará, com imparcialidade, nos seus fastos tuas innumeras faltas politicas posteriores, tuas fraquezas e falhas; mas este só serviço eminente, escripto em

caracteres indeleveis nos livros da memoria, de toda a culpa te absolverá no conceito do bom Brasileiro, e pesará tanto, que no oceano do tempo, quando teus defeitos tiverem cahido ao fundo, elle sempre sobreaguará, para levar teu nome até a mais remota posteridade, rodeado de gloria, e orvalhado das lagrimas de reconhecimento do Brasil inteiro!

Decidida a independencia, seguia-se marcar a fórma do governo; os serviços do principe real, os prestigios de que elle estava rodeado, a vastidão do Brasil, os habitos e costumes monarchicos, de que estavam os Brasileiros embebidos, tudo indicava que a fórma monarchico-representativa era a que nos convinha, e que o tronco da nova dynastia outro não podia ser que D. Pedro. Estas razões poderosas comprehendeu o conselheiro José Bonifacio, a quem demais tinham azedado os disturbios e violencias das republicas limitrophes. Foi pois aclamado e depois coroado Imperador do Brasil D. Pedro, e o conselheiro José Bonifacio, seu ministro, curou de conservar intacto o Imperio, vigiando com ciosa suspeita tudo o que tendia a abala-lo. Seu zelo o levou talvez a actos discricionarios, que o verdadeiro liberal reprova, mas escusa e respeita pelos motivos que os produzirão.

A assembléa constituinte, antes convocada por D. Pedro, juntou-se emfim, e nella o conselheiro José Bonifacio conservou a maioria precisa para poder dirigir o governo; mas a este tempo uma coalisação monstruosa dos ultra-liberaes com os absolutistas e

Lusitanos, conseguindo apoderar-se do inexperto reinante, obrigou o ministerio Andrada a demittir-se; o conselheiro José Bonifacio, insultado de envolta com seus irmãos, sem aggreir a nova administração, desapprovava os seus actos; e embora previsse a sua sorte, para evita-la nem um só passo deu que pudesse comprometter a tranquillidade publica, e a autoridade do Imperador. Todavia, tanto respeito ás leis e ao Imperador, tanta moderação, não pôde desviar da sua innocente cabeça o raio da vingança, despedido pelas mãos criminosas dos cortezãos, Lusitanos e demagogos. Sua eliminação da assembléa, e a de seus irmãos, é exigida com imperio; e porque a representação nacional se envergonhou de suicidar-se a si mesma, é sua dissolução resolvida com a mais manifesta usurpação dos poderes nacionaes, e o conselheiro Andrada e seus irmãos, com mais dous innocentes deputados, Rocha e Montezuma, são presos pela força militar, conduzidos aos carceres da Lage, e dahi deportados para a França, ou talvez ainda para peor destino. Dahi data a serie não interrompida de desgraças que assaltarão a monarchia brasileira; o infeliz principe, seu chefe, privado dos verdadeiros amigos do paiz e da liberdade, ludibrio das paixões de partidos oppostos, sem força real para oppôr-se a nenhum delles, não fez mais que escorregar de desacerto em desacerto até sua final ruina. Em seu desterro o conselheiro Andrada, cada vez que nos periodicos lia os desvarios que a traição preparava,

e a que a inexperiencia arrastava o Imperador, seu coração mavioso carpia os males da patria que adorava, e as desgraças previstas do monarcha, de quem era ardente amigo, apesar de sua ingratição.

Pareceu finalmente estar satisfeita a vingança, e voltarem dias de mais justiça: após longos annos de exilio voltou o conselheiro Andrada ao Brasil, e tendo perdido na travessia sua boa esposa, companheira dos seus trabalhos, aviso que a Providencia lhe mandava dos males que o aguardavão na patria, beijou coberto de luto as praias de Nictheroy. Bem recebido pelo monarcha arrependido, olvidou com um só sorriso delle longos annos de soffrimento, amou-o como d'antes, porque seu coração amante não podia deixar de ama-lo; porém não o servio mais senão com os seus desinteressados conselhos, que forão quasi sempre desprezados. Retirado á ilha de Paquetá, ainda ali o foi desenterrar a calumnia: forja-se plano de republicas ridiculas, e se apregôa como seu chefe o venerando ancião, que não responde senão com desprezo. É porém neste mesmo tempo que uma sociedade sábia, a sociedade Imperial de Medicina desta côrte, como para indemnisa-lo, o escolheu seu socio honorario, honrando-o assim, e honrando-se igualmente. Igual tributo lhe pagou a sociedade de Instrucção Elementar.

Eis chegados os ominosos dias de Abril de longa mão preparados; uma eleição imprudente de ministros é o pretexto de que se servem os coryphêos da revolução

para sublevarem as massas do povo, e o Imperador, ou seduzido por fantasticas promessas, ou fatigado da porfiada luta, abdica o throno em seu Augusto Filho, e deixa o Brasil, encommendando seus tenros filhos ao mesmo ancião que deportára, e reconhece então por seu verdadeiro amigo. A nomeação é annullada por uma assembléa só guiada pela sanha, e sem respeito ás leis e á natureza, nega-se a um pai, cousa estupenda!!! o direito de dar tutor a seus filhos; todavia o mesmo tutor que o Imperador nomeára é o escolhido pela assembléa, e o nobre velho aceita imprudentemente o perigoso cargo, que, como a boceta de Pañdora, vinha para elle prenhe de todos os desgostos. Desde então uma enfiada de surdas perseguições o não deixou socegar; não houve um só movimento popular em que não implicassem o nome do conselheiro Andrada e de sua familia; a nobreza de sua alma, a pureza de sua conducta o não salvou das mais improvaveis arguições. Paciente e corajoso, como era o seu espirito, a carne fraca resentio-se de tanto abalo; e dous repetidos ataques de paralytia annunciárão a deterioração de seu cerebro, que progredio sempre, até que os aziagos dias do mez de Dezembro de 1833 o reduzirão quasi á vida vegetativa. Nesses dias fataes, quebrão-lhe as vidraças, cobrem de baldões e injurias seu nome respeitavel, e o governo, sem o menor direito, suspende o eleito da assembléa, e o tutor de D. Pedro II é conduzido á prisão por um capitão!!! Velho venerando, tão



cedo talvez te não chorassem tua familia e amigos, se o amor da tua patria, se a amizade que sempre mostraste ao principe decahido te não persuadissem a cuidares nos tenros pimpolhos confiados ao teu cuidado ; privado das vistas dos queridos orphãos, filhos da nação, que amavas como teus, definhaste como tenra flôr a que falta a agua, e que o sol cresta. Cruel lembrança! E houve uma assembléa que ratificasse a violencia! Houve!... e no Brasil sempre haverá emquanto os partidos dictarem a lei! As paixões fogosas que nos lavrão o peito nos impellem sempre a saltar as barreiras da justiça; a inveja, ingrediente principal de que são amassadas nossas almas, faz-nos achar um prazer divinal em abater quanto ha de sublime!

Depois da terrivel catastrophe, os restos de vida sensitiva e intellectual que ainda animavão o digno conselheiro Andrada forão-se esvaecendo pouco a pouco, até que no dia 6 de Abril de 1838, no mesmo dia em que fôra nomeado por D. Pedro I tutor de seus filhos, no mesmo dia em que se amontoou o combustivel em que devia arder a tranquillidade e a paz do Brasil, foi sua alma pura receber o galardão de seus feitos da mão daquelle que sonda os corações, e, indulgente ás fraquezas da misera humanidade, leva-lhe em conta até a menor parcella de virtude.

Tal foi José Bonifacio, viveu e morreu pobre; não recebeu de sua nação distincção alguma; no senado, que a lei creára para o merito e a virtude, não houve

nunca um lugar para o creador do Imperio!!!... Talvez por isso mais sobresahirá seu nome, como os de Bruto e Cassio mais lembrados erão por não apparecerem as suas estatuas nas pompas funebres das familias a que pertencião.

José Bonifacio de Andrada era de estatura menos que ordinaria, de figura regular, branco e loiro na sua mocidade, de olhos pequenos e vivos, que descobrião a delicadeza de suas sensações, e finura de seu espirito. Sua conversação era amena e jovial, e recheada de labaredas de espirito, cheia de allusões finas e engraçadas. Os seus costumes erão doces, sua bondade quasi angelica estava pintada no seu rosto, sua paciencia era estoica, sua tolerancia evangelica, sua caridade verdadeiramente christã; elle nunca conservou rancor, nunca esqueceu beneficio, nunca recusou soccorro a quem lh'o pedia. Não procurou inimizades senão por bem do Brasil; se a difficuldade das circumstancias em que se achou collocado o fez desviar da senda do estricto direito, o seu coração não teve parte no que a cabeça prescrevia. Emfim teve defeitos, porque era homem, porém os seus defeitos erão pontos mui imperceptiveis no mar de suas boas qualidades.



# INDICE

|                                                                             | PÁGS. |
|-----------------------------------------------------------------------------|-------|
| Dedicatória .                                                               | 5     |
| Ode á Poesia .                                                              | 9     |
| Ode á Eulina .                                                              | 16    |
| Ode á mesma .                                                               | 20    |
| Ode á Amizade . . . . .                                                     | 21    |
| Ode á morte de um poeta bucolico .                                          | 26    |
| Ode ao Sr. D. João VI                                                       | 30    |
| O Inverno . . . . .                                                         | 32    |
| Ode ao Principe Regente de Portugal, no tempo<br>da invasão dos Francezes . | 36    |
| Cantata I. — Á Eulina                                                       | 45    |
| Cantata II. — Á Nize.                                                       | 49    |
| A Creação . . . . .                                                         | 53    |
| Epistola escripta de Coimbra no começo da<br>primavera de 1785. . . . .     | 58    |
| O Brasil. Versos remettidos de Itú, em 1820,<br>ao Sr. D. João VI. . . . .  | 66    |
| Uma tarde no sitio de Santo Amaro. . .                                      | 69    |
| Ausencia. Em Pariz, no anno de 1790                                         | 71    |
| Odes Saphicas. — 1.ª Á Rôla.                                                | 73    |
| — 2.ª Á Primavera .                                                         | 77    |
| — 3.ª O Zephyro .                                                           | 79    |
| A Creação da Mulher.                                                        | 81    |
| Soneto á Narcina.                                                           | 86    |
| Soneto á Marina. . . . .                                                    | 87    |
| Soneto improvisado no casamento da Sra. D.***                               | 88    |
| Soneto improvisado á Derminda .                                             | 89    |
| Soneto á mesma, tendo o autor 16 annos. . .                                 | 90    |
| Soneto á Alcina, improvisado na partida do<br>autor para Portugal em 1783   | 91    |

|                                                                             | PÁGS. |
|-----------------------------------------------------------------------------|-------|
| Anacreontica. Á Almira.                                                     | 92    |
| — Á Nize.                                                                   | 92    |
| — Á mesma . . . . .                                                         | 93    |
| — Á Sra. D. J. de C. , tocando piano.                                       | 93    |
| Epigrammas. — Ao ministerio de L. de V. e do<br>C. de V. V. . . . .         | 94    |
| — Imitado de Bernard.                                                       | 95    |
| — Imitação de Anacreonte . . .                                              | 96    |
| Paraphrase de parte do Cantico dos Canticos.                                | 97    |
| Epitaphios . . . . .                                                        | 100   |
| Dialogos imitados de Champfort                                              | 101   |
| Fabula persiana . . . . .                                                   | 102   |
| A Barca de Simão , de D. Thomas Iriarte.                                    | 103   |
| Ode de Ossian . . . . .                                                     | 105   |
| Traducção de dous trechos da <i>Theogonia</i> de<br>Hesiodo. — Advertencia. | 108   |
| — Batalha entre os Titanos e os Deuses.                                     | 111   |
| — A Styge . . . . .                                                         | 113   |
| Ode primeira das Olympicas de Pindaro                                       | 116   |
| A Primavera. — Idyllio traduzido do grego.                                  | 140   |
| Paraphrase de parte do Psalmo XVIII.                                        | 145   |
| Resto de uma traducção de Ossian . . . . .                                  | 147   |
| Traducção do principio da Primeira Noite de<br>Young . . . . .              | 149   |
| Tytiro. Idyllio primeiro de Virgilio                                        | 151   |
| Ode aos Bahianos                                                            | 163   |
| Ode aos Gregos . . . . .                                                    | 170   |
| O Poeta desterrado.                                                         | 175   |
| Cantigas Bacchicas.                                                         | 182   |
| —————                                                                       |       |
| Esboço biographico de J. B. de Andrada e Silva.                             | 187   |















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).